

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE PIRACICABA**



**CENTRO DE PESQUISAS E  
DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO**

**Nosso caminho é transformar  
conquistas em um passo  
importante para a evolução**

**ANO XI 2004 NÚMERO 11**



## **ANTÔNIO DE PÁDUA (TOTE), O FILHO DO RIO PIRACICABA**

Marly Therezinha Germano Perecin <sup>1</sup>

### **Resumo**

Antônio de Pádua (Tote), foi o mais popular dos piracicabanos à beira rio, o mais conhecido morador do Largo dos Pescadores e da Rua da do Porto. Faleceu há dez anos (11/01/1994), deixando imensa saudade naqueles que o conheceram de perto e o admiravam. Em vida foi pescador, operário metalúrgico, seresteiro e poeta. Exímio nadador, conhecedor de todos os segredos do rio Piracicaba, foi quem mais salvou vidas de afogamento na Rua do Porto e quem mais prestou serviços no recolhimento de corpos dos afogados. Guardava uma fé inabalável no Divino Espírito Santo e nos poderes milagrosos da sua Bandeira. Mas, causava admiração o seu desmesurado amor pelo rio que o viu nascer, crescer e morrer...

À guisa de Introdução quero esclarecer as expressões utilizadas neste texto: Caipira e Cultura Caipira. Por Caipira, entenda-se o habitante do interior da Capitania de São Paulo, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, em correlação ao Caiçara, habitante do litoral. Não guarda a menor relação semântica com o imbecil, o atrasado, o mendigo, o roceiro ou a figura estereotipada do Jeca Tatu. O verdadeiro caipira da Capitania de São Paulo foi o produtor de uma cultura regional específica, a Cultura Caipira, conquanto povoador em expansão no Planalto Paulista, tornou-se portador da civilização que lhe deu o nome, embora como agente social estivesse sujeito à dinâmica das transformações ao longo dos séculos posteriores.

1. Ex-Presidente do IHGP e Doutora em História pela USP.

3

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Restaram, no século XX, os chamados Lençóis de Cultura Caipira (Antônio Cândido) ou os seus Bolsões (Ada Natal Rodrigues), em todas as áreas brasileiras de antigo povoamento paulista, das quais o Vale Médio do Tietê, com seus importantes afluentes como o Capivari, o Piracicaba e o Sorocaba, conservam marcantes vestígios. Portanto, há letrados e iletrados, brancos, negros e caboclos, santos e doutores que se manifestam portadores de traços daquela cultura e que passam por caipiras, muitas vezes, a contragosto; outros carregam a expressão por bairrismo ou interesse. Para os leigos, venho esclarecer que não há nada, absolutamente, de pejorativo em dizer-se caipira, muito pelo contrário. Neste ensaio, a respeito da cultura dos antigos piracicabanos, faço algumas considerações sobre a sua importância no processo de construção da nossa identidade cultural, enquanto esboço uma homenagem a Antônio de Pádua, Tote, um dos seus mais dignos representantes no século XX.

#### UM DIA...

Numa terça-feira, 11 de janeiro de 1994, um pesado esquife, coberto com o pavilhão das 13 listras da mãe-terra paulista, sobre o qual descansava a bandeira símbolo do Divino Espírito Santo, deixou, solenemente, a velha morada do Largo dos Pescadores. Levava, em seu funéreo receptáculo, os restos mortais da memorável figura piracicabana, Tote, no rumo da sua última morada, o Cemitério da Saudade. Na partida, o cortejo percorreu a avenida Beira Rio, propiciando a derradeira experiência daquele que, em vida, foi o ícone da Rua do Porto e da cultura caipiracicabana (ou seja, a antiga cultura paulista de Piracicaba).

Senti o que parecia se confirmar nas expressões fisionômicas dos seus amigos, gente anônima, de todos os matizes, representando o que de mais expressivo havia no povo piracicabano. Naquele mesmíssimo instante, percebi que se virava uma das mais belas páginas da História de Piracicaba e que se enterrava com Tote a parte mais afetiva da memória do rio.

Partia daquela morada simples, implantada no primeiro segmento da antiga rua do Picadão (a Rua Moraes Barros), aquele que em vida tanto amou as tradições cultu-

4

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

rais paulistas; que alimentou pela intuição um verdadeiro laboratório de sociologia e folclore; que coordenou com carinho e zelo as mais belas festas da cultura e das tradições caipiracicabanas. Os seus tesouros, nesta vida, foram a dedicadíssima esposa, Maria Vitalina, o filho Valdir, a neta Débora e a bisneta Jéssica. Entre os seus poucos bens materiais, incluímos a casa humilde, a famosa coleção de canivetes, os passarinhos, o caderno de versos (era poeta) e a Bandeira do Divino Espírito Santo - histórica e milagrosa.

Tote era homem de vida simples, negligenciava a camisa e os sapatos, dispensava quase tudo, exceto a gentileza e a cortesia com que acolhia aqueles que o procuravam. Por ser um referencial na rua do Porto, muitos o visitavam por mera curiosidade, outros por verdadeira amizade, de forma que, para não faltar a sagrada hospitalidade caipira, a porta e a janela da sua morada ficavam permanentemente escancaradas. Um pouco dado à glotonaria, apreciava muitíssimo as rodas de samba (o samba paulista), as modas de viola e o repertório dos trovadores. Mas, a cada instante, extravasava a sua paixão pelo rio Piracicaba, que conhecia na palma da mão, acima e abaixo do espelho d'água. Foi pescador, entre os melhores, e exímio nadador. Incontáveis foram os casos em que salvou de afogamento os incautos que se arriscavam nas águas do rio. Ninguém retirou das grotas do rio tantos corpos de afogados quanto ele. De tanto circularem versões a respeito das suas façanhas, transformou-se em mito, ainda em vida.

Quando, a meu pedido, passava a contar os antigos causos, as memórias da sociedade a que pertencia, os episódios vividos na infância e na juventude, caprichava descrevendo os confrontos dos valentões, os desafios com a polícia e as cenas passionais que presenciou ao longo da sua intimidade com a Rua do Porto. Era uma enciclopédia sobre o rio, suas coisas e sua gente. Consultei-o, inúmeras vezes, quando estava escrevendo o meu livro **Ypié (Maria dos Anjos)**, romance histórico, propedêutico à fundação de Piracicaba.

Certa vez, Tote confessou-me que a sua primeira preocupação, ao levantar-se da cama, a cada manhã, era acorrer à janela da sua casa e observar o rio Piracicaba. Queria, diariamente, certificar-se de que ele ainda lá se achava, como

5

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

há milênios, devendo assim permanecer, enquanto os homens maus o deixarem e os bons não o salvarem. Só depois de conferir a paisagem encantada, começava o seu dia, feito de simplicidades e muita prosa.

Bom lembrete para a sua biografia é dizer que foi operário da MAUSA, e dos bons. Teria desfrutado da sua aposentadoria, no cultivo da paixão pelo rio e pelas coisas piracicabanas, não fosse a enfermidade que o levou, aos sessenta e seis anos. Enfrentou o seu calvário no hospital, por muitos dias, até às 5h30 da linda manhã de 11 de janeiro, quando expirou do corpo cansado. Era um homem de fé inabalável, ardente devoto do Divino Espírito Santo. Sabemos que nem sempre foi compreendido pelo que fazia, teve as suas quizílias e os seus desgostos. Mas, partiu para um novo Tempo e uma nova Vida, leve como pássaro, talvez, levando na boca o sabor dos peixes do velho rio e na alma a sensibilidade dos versos escandidos, ali mesmo, junto ao Largo dos Pescadores, a cavaleiro do Piracicaba.

A imagem materna sempre foi muito forte em suas lembranças. D<sup>a</sup> Antônia Malagueta de Pádua falecera em 1957, aos 49 anos de idade, deixando o filho único, que lhe guardou amor filial, sofreu imensa saudade e lhe dedicou muitos versos conservados num caderno de poesias. Com o consentimento da esposa, gravamos parte de uma delas **A minha Mãezinha**: Mamãe quanta saudade,/ Hoje sinto da senhora/ Mais passo hora rezando/ Aos pés de Nossa Senhora/ Pedindo para uma santa/ A outra santa ajudar/ Que ilumine todos os caminhos/ Por onde devo passar...

6

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

### O CIDADÃO

A morada de Tote acabou se tornando ponto de visita obrigatória dos intelectuais e dos admiradores da natureza, junto à Rua do Porto; ainda, dos vizinhos e das velhas amizades o que restava da folclórica sociedade do rio; dos antigos bardos e menestréis caipiracicabanos, conseqüentemente, dos profissionais da TV e dos turistas. Buscávamos, oportunisticamente, os políticos em períodos eleitoreiros, naqueles momentos críticos da *caça aos votos*. Tote recebeu muitas tapinhas nas costas, e, até, promessas de tratamento médico, mas, não se deixava iludir; conhecia de sobrejo o coração dos homens e as suas veleidades. Extrema-

mente hospitaleiro, recebia todo o mundo em sua sala de visitas, degrau abaixo do nível do Largo, chão de cimento e dotada da particularidade do mobiliário de tijolos à vista, assim construído à prova de enchentes, para não desgostar Maria Vitalina, que reclamava das invasões periódicas do rio.

Tote era um homem calmo, tranqüilo no falar, bem humorado. Tinha, lá, as suas manias, uma delas, de arrepiar, porque extraía os próprios dentes com canivete! No entanto, era sensível de coração, capaz de comover-se, até às lágrimas, em ternura, pelo *seu* rio ou ralar-se de saudades da sua mãezinha e do outro filho falecido na infância. Nos últimos anos, não deixava o seu posto, junto à porta da casa, observando o Largo dos Pescadores, guardando o rio Piracicaba; correspondia a todos os que lhe acenavam da rua. Muitas vezes, após as minhas andanças pelo parque da Rua do Porto, adentrei a sua morada para longas prosas e, ali, acabei conhecendo os seus familiares, os seus amigos, os grandes cantadores, entre eles, os Irmãos Bueno (Abel, Antenor e João).

Não raro, levei para conhecê-lo personalidades do mundo intelectual, que foram recebidas com a maior deferência e sentaram-se em sua sala. Um destes foi o sociólogo Valter Carvalho, que tão bem o soube compreender e do qual se tornou amigo e incontestemente admirador. Nunca o vi rancoroso, mas era respeitado pela sua valentia, sendo notório que, num enfrentamento pra valer, derrubava de nove a dez contendores. Conheci-lhe o lado lírico, o coração enorme e meigo, o lar hospitaleiro, compartilhado com uma admirável mulher, miúda, forte e trabalhadeira. Tote foi o último dos genuínos caipiracicabanos, o símbolo da Rua do Porto e da sua antiga cultura.

Pude testar-lhe o amor por Piracicaba e o seu civismo, por ocasião das festividades de Primeiro de Agosto, promovidas nos anos de 90, 91 e 92 pela Comissão de Eventos Cívicos. Por três anos consecutivos, realizávamos uma aula de História de Piracicaba, ao vivo, com dezenas de atores voluntários caracterizados de personagens das diversas fases da evolução da cidade: vivenciava-se a fundação, o traslado para a margem esquerda, a subida à esplanada da Matriz pela rampa do Picadão de Mato Gros-



**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

so. A Diocese de Piracicaba prestigiava a iniciativa, através do Monsenhor Jorge Miguel Simão, presente no ato da margem direita (a fundação da comunidade), do Bispo Diocesano, D. Eduardo Koaik, que, pessoalmente, celebrava Missa na Catedral, após o ato do encerramento do desfile histórico.

Tote, por sua vez, participava da cerimônia do Largo dos Pescadores. Bastava a sua presença consagrada e histórica, mas fazia questão de homenagear a cidade aniversariante interpretando composições suas. Em 1992, reuniu outros menestréis, entre eles, o querido Cobrinha (Vitório Ângelo Cobra), famoso seresteiro piracicabano. Nunca deixava de retribuir alegria ou civismo com a sua forte emoção.

Certa feita, recebi das suas mãos o presente valiosíssimo, que me acompanha vida afora, em palestras ou visitas culturais, - uma legítima, mas, destroçada, Bandeira do Divino Espírito Santo, que meu marido restaurou. Foi esta bandeirinha caipira que serviu de modelo ao estandarte aristocrático que tremula na Casa do Alferes e na Matriz de Nossa Senhora da Candelária, em Itu, a capital histórica dos paulistas do Vale Médio do Tietê. Através dos séculos, a força viva da fé ali se manteve e ela já se encontra carregada de fitas, ex-votos dos ituanos por graças alcançadas, enquanto percorre anualmente as ruas da cidade nas procissões de Pentecostes e Corpus Christi.

Falar de Tote é trazer à baila a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba. Na tarde do Encontro, Tote e o seu grupo folclórico abriam com brilhantismo as comemorações no Largo dos Pescadores. Nos dois últimos anos, quase não podendo andar, regia a festança sentado, enquanto o povo apreciava as evoluções do folclore, a destreza dos bailarinos no samba de roda, no samba de lenço, na congada, na cana verde ou na afinação da cantoria. Era um *expert*, nada se concertava sem a sua regência, mesmo entre os mais experientes e veteranos do grupo.

Pena! O Largo dos Pescadores acha-se vazio da sua presença física. Machuca o coração, tratar do nunca mais!



## O CONHECIMENTO DO RIO E DOS SEUS ATRIBUTOS

Acompanhada por Pedro Chiarini e Tote, em 1991, fiz um passeio memorável aos arredores do Vaivém e do Salto, do qual restaram alguns apontamentos. Acostumada por meu pai, Nestor Soares Germano, desde a infância, a percorrer com respeito religioso o parque da Rua do Porto, confesso que se haviam infiltrado no meu imaginário figuras de linguagem que se converteram em mistérios intrigantes.

Por que se diz **Praia das Vacas** ao afloramento diabásico entre o Salto e o Vaivém? - Tote respondeu-me que, nas estiagens, os animais do Palacete Boyes iam ali se apascentar. - Por que é tão perigoso pescar ou *caçar* cascudo na itaipava do Vaivém? - Tote explicou-me que nas anfractuosidades do estrado pedregoso do rio formam-se as incontáveis tocas de cascudos. O perigo está em prender o pé numa delas ou escorregar e acabar caindo no canal, que é profundo, nele escorrendo as águas com grande velocidade, mesmo na estiagem. Nos limites do Vaivém, a grande itaipava abaixo do Salto (itopava, dizia ele), fica a Boca, local situado a cavaleiro do célebre *Poço* (o poço enfeitiçado!). Trata-se de logradouro perigoso, estratégico, ótimo para pescar dourado, quando o rio era limpo no passado. Naqueles tempos, nem era preciso esperar pela piracema, bastava se situar na Boca, lançar uma poita (um peso) no fundo do rio para prender o barco e aguardar, havendo por retaguarda, o formoso Salto; em frente, a Rua do Porto e sua graciosa curva. Como havia muito peixe ruim que atrapalhava a pescaria, era só ir selecionando, até o dourado fisgar!

Pescar na Boca podia dar sorte e render, mas a correnteza que apanha o pescador, bem no centro do rio, pode arrastá-lo para o Poço. Minha imaginação sempre teceu mistérios a respeito do poço enfeitiçado: **E**, ali, o que existe?

Nada de mais - respondia-me. Apenas um paredão e um banco de areia.

Encafifei-me. Pode? Sei que não é pouco, pois abaixo do nível d' água, levanta-se a prumo um negro e sinistro paredão de pedra. Forma-se o rodaminho ou jupιά, movi-

9

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

mento perigosíssimo das águas que tudo sugam para baixo. Lá no fundão só existe mesmo areia, mas, quem cair neste poço, e não for de complexão muito forte, se não souber nadar como peixe, estará para sempre perdido! Todo aquele que for arrastado no turbilhão acabará regorgitado nas imediações, mas será tarde demais.

O rio devolve o corpo sem vida! acrescentava Tote, que tantas vezes resgatara os afogados da Rua do Porto. Justamente, em função deste perigo, todo o cuidado é pouco, para quem deseja pescar, remar ou nadar nas imediações .

Quem não nasceu ontem, sabe das fabulosas piracemas do rio Piracicaba, até coisa de trinta anos. Sabemos que, por cento e cinqüenta anos, a sociedade da Rua do Porto viveu em função do rio e dos seus frutos. Sou filha, neta, bisneta e trineta de pescador, mas solicitei ao Tote que me explicasse, rapidamente, a metodologia pesqueira, aplicada *in loco*. Aqui seguem algumas dicas, de quando o rio era cheio de vida.

Dourado se pescava de vara em rodada, manhãzinha ou ao cair da tarde. O barco ia descendo, lentamente, a Rua do Porto, enquanto a isca se achava preparada no anzol. Bem sei, era a pescaria predileta do meu pai! Podia-se pescar de barranco ou de vau. Neste último caso, entrava-se n' água à altura do joelho, usando-se a vara. Piracanjuba se físgava, tendo coquinho (fruto) por isca. Podia-se tarrapear, mas era proibido porque a pesca se tornava predatória. Bom expediente era servir-se do pindacuema. Tratava-se de um bambu fincado no barranco, o qual sustentava uma corda, em que se afixava o anzol iscado. Um sino, preso ao bambu, tocava quando o peixe era físgado. Bastava deixá-lo n' água, até o dia seguinte, ou ir buscá-lo para a janta, se havia pressa. Há variações sobre o pindacuema, mas o modelo básico é este. Outro método é a pesca de espinhel, que requer muitos anzóis iscados e afixados ao longo de uma corda comprida que atravessava a largura do rio.

Pescar na Rua do Porto e no Salto, nas décadas de trinta, quarenta e, até, cinqüenta, era um êxtase para os amantes da natureza, uma festa para os aficionados, conquanto um exercício vocacional de piracicabanismo e um ofício profissional para quem vivesse das dádivas do rio. Justamente por isso, poucos rios são tão amados pela sua comunidade.

## AS DÁDIVAS DO RIO

Naqueles tempos, a natureza era farta e grandiosa, associando vida e beleza. Havia cento e cinqüenta anos que o rio Piracicaba, de rara piscosidade, alimentava a sua colônia de pescadores e a pequena sociedade local. Estas mantinham-se como um dos férteis e resistentes bolsões da antiga cultura, legitimamente paulista, tipicamente do Vale Médio do Tietê, especificamente piracicabana nos seus modos de ser, pensar e sentir, agir e fazer.

Pescava-se, divertidamente, no Salto, pois ali se praticava a coleta manual de peixe! Ou melhor, podia-se pescar de guarda-chuva, se este fosse inglês! Porque formavam-se grandes poças, onde os peixes pululavam, ou córregos violentos que os arrastavam. Era só escolher as melhores piavas, as piraicanjubas ou os belos lambaris. Havia diversas variedades de mandis (amarelo, chorão e mandichinga), de corimbatás (uvus e papa-terras), de cascudos (chinelo, pintado, bugio e preto). Era só se servir, resguardando o cuidado para com os ferrões dos mandis.

Havia o *bate-bunda*, pescaria *sui generis*, praticada ao cair da noite. Um lampião, afixado na frente do bote, atraía os peixes do fundo para a superfície, enquanto o movimento infundido com o peso do corpo e a subsequente batida, no piso do barco, assustavam o cardume, fazendo saltar os peixes para fora d' água. O lençol esticado num varal sobre o barco, servia de anteparo à trajetória do salto, vindo cair os peixes no piso, engrossando a coleta. Tal pescaria era rendosa e divertida, dispensando-se as linhas e os anzóis.

Na Rua do Porto havia uns pesqueiros providenciais. Na curva graciosa, junto à chamada **Casa do Povoador**, quase à entrada do Vaivém, localizava-se a *parada do peixe*. Isto porque a fartura era tamanha, dado o afluxo dos cardumes que ali se apertavam, diminuindo a velocidade para lograr encaixar-se no rumo do Salto. O rio Piracicaba era prodigiosamente piscoso! Os ingazeiros à beira d' água forneciam precioso alimento, as grotas e o capim das margens atraíam os cardumes de peixes menores que, ali, se escondiam para *dormir*. Também havia fartura acima do Salto: piavas, cascudos e corimbatás.

Tote conhecia a fundo a morfologia do rio Piracicaba, desde o Salto, até a Barra, não lhe escapando da memória

11

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

os seu canais, as suas curvas, os seus estreitos, as ilhas, as pedras traiçoeiras, os poços e os jupiás. A nomenclatura pitoresca, desde o Salto, até vinte quilômetros abaixo, fazia parte do seu vocabulário cotidiano: Morato, Morro do Enxofre, Paredão do Bongue, Caixão, Ondas, Ondinhas, Corumbataí, Pedra Branca, Jatobá, etc. Infelizmente, não era tão loquaz como eu desejava e, muitas vezes, acabava coadjuvado pela querida Maria Vitalina, que, além de possuir excelente memória, era boa interlocutora.

A riqueza deste rio respondia por um *modus vivendi* e por uma mentalidade característica. Gente afamada, morando nas casinhas de fachada para o rio, crianças nadando e aprendendo a metodologia pesqueira com os pais, mulheres que se tornavam exímias cozinheiras, trabalhando os frutos da pesca. Ficaram célebres as fritadas dos lambaris (e viúvinhas) e pequiras, das postas de mandis, competindo com os ensopados de cascudos, os assados em telha de barro das carnes preciosas dos pacus, dourados, pintados, os bolinhos das ovas de corimbatá e os cuscuzes de peixe. Culinária que se justapunha às delícias da tradição do Oeste Paulista e que não renegava a boa caninha.

Havia superstição e preconceito para com certos peixes, como o jaú, tido por ser o boi do rio; porque a sua carne era mal afamada pela crendice de que produzia feridas no corpo e desenvolvia a temida lepra. Entre a população desocupada, ao cair da tarde, contavam-se *causos* e *assucedidos*, mistérios de assombração, que nunca subiam à esplanada da Matriz, embora fossem de antigo conhecimento da sociedade. Aos contadores de causos pareciam familiares a Mula-sem-cabeça e a Inhala-seca, além dos mal-assombrados da Loca de Pedras, do Vaivém e do Bongue. Ensaia-se uma cultura local pitoresca e apelativa do sobrenatural.

Quantos pescadores profissionais, durante gerações, mantiveram as suas famílias com o produto do comércio de peixe, saído das águas do rio Piracicaba! Ainda assim, so-  
brava o bastante para os aficionados da diversão, os diletantes da pesca. Até 1950, nas ruas da cidade podiam-se encontrar moleques vendendo as fieiras ou as cambadas de peixe fresco e no Mercado Municipal as bancas ofe-

reciam o produto a grosso, mas que se tornava, exatamente, a mais fina das iguarias numa mesa! Não há piracicabano que não seja pescador ou que não aprecie a carne de peixe, que não morra de amores pelo Salto ou que não se perca na contemplação da Rua do Porto.

### **A Sociedade do Rio**

Tote participava de uma sociedade singular, curiosa, um verdadeiro maná para os pesquisadores. Onde os grandes pescadores eram respeitados, tinham *status* invejável, a meio da comunidade; o pitoresco corria por conta de certos tipos conhecidíssimos, populares. Guardava na memória os seus nomes e apelidos: Pefânia (Estefânia), Firmino Cara-suja, Chico Manduca, Antônio Perdiz, Tião Cascudo, Queixada, Mola Fraca, Zico Caramujo.

Alguns destes me pareceram bem estranhos, como Lazinho do Brejo, residente no Largo dos Pescadores, o qual tinha por hábito receber as pessoas, que lhe batiam à porta, com uma foice nas mãos. Maria Petuça era mulher com fama de valente, porque costumava bater em homens. Tinha comércio de peixes, adquirindo o produto junto aos pescadores para revendê-lo no mercado municipal, e, apesar de analfabeta, tornou-se admiradora da literatura de cordel e de folhetins, que D<sup>ª</sup>. Antônia Malagueta de Pádua, pacientemente, lia em voz alta. Maria Petuça teve um tristíssimo fim, vindo a morrer leprosa, deixando, também doente, o filho Bigu.

Em minha infância conheci alguma coisa deste lado pitoresco, humano, e, às vezes, triste, da Rua do Porto. Desde os quatro anos de idade, comecei a perder-me no encantamento do rio, nos seus entardereceres, nas suas enchentes assustadoras. Ainda repasso as cenas de pesca, as conversas do meu pai e seus amigos, junto aos barcos coloridos e enfileirados na margem esquerda. Revejo as crianças descalças e sem camisa, nadando, os moleques aprendendo a lidar com as manhas do rio, associando a experiência dos mais espertos à própria ousadia nas pedras do Vaivém.

Conheci muitas festividades, profanas e religiosas: festas de casamento, festas juninas e a maior de todas elas, a do Divino Espírito Santo. Esta era integralizadora, reunin-

13

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

do a sociedade de massa em Piracicaba, tanto a urbana como a ribeirinha e a rural. Era a maior e a mais importante das celebrações piracicabanas, dado o seu ritual folclórico, em terra ou sobre as águas, os seus componentes históricos e o sincretismo religioso, combinados e manifestos no tradicional Encontro das Bandeiras proporcionado pelos seus marujos experientes, acolitados por pequenos marinheiros cumpridores de promessas, e anjos. É a festa da resistência caipira ou das estruturas que remanescem

Ainda nos meados do século XX, a fantástica procissão na Rua do Porto afigurava-se a melhor amostragem da sociedade piracicabana, identificando nos rituais do povo e no seu fervor religioso, no seu respeito pela Bandeira milagrosa, conduzida pelos festeiros, o que de mais belo sobrava da civilização dos velhos caipiras da terra paulista. A isto tudo se associava o estouro das baterias de fogos e dos rojões de vara, a musicaria da Banda do Maestro Peterman, que descia *furiosa* a rua Moraes Barros, sob arcos de bambus, as alegres rodadas de boa pinga nos diversos botequins, as danças, entre elas o cateretê, os desafios dos repentistas e o cururu. Tudo se processando debaixo das soberbas tardes de sábado, no espaço que medeia entre o Salto e a primeira curva do rio.

Forante os festejos do Divino, sei que havia bailes, uns mais familiares, outros menos e que sempre se respeitavam certas regras, antes de se partir para a valentia. Contou-me Tote: - *dama do sítio não dava tábua* (sic). - Desafetos e valentões podiam entreverar-se à saída de um botequim, preferindo, via de regra, a arma branca. - *A faca nunca falha!*, - segredou-me -. Portanto, perigos havia. Isto tudo, para não falar das enfermidades malignas, endêmicas à beira rio, principalmente o tifo e a maleita, que ceifavam vidas nos períodos posteriores às enchentes. Não fosse a Bandeira do Divino Espírito Santo a percorrer os lares, a passar sobre os leitos dos enfermos, a proteger as crianças, que a comunidade à beira rio se sentia perdida. Grandes médicos humanitários houve no passado, Dr. Alfredo Cardoso, Dr. Samuel de Castro Neves, além das benzedeadas, mas unicamente a Bandeira salvava.

Por aí se percebe que havia toda uma maneira de ser, de pensar e de sentir, em função do rio e da cultura

local. Era, por sua vez, uma Cultura que, dificilmente, subia a rua Moraes Barros. Os antigos piracicabanos de origem é que desciam para desfrutá-la, levando consigo outros aficionados e raros intelectuais como os professores Roger Bastide, em seu estágio pela USP, Paulo Duarte e Alceu Maynard de Araújo, piracicabano de origem. João Chiarini fez muito pela divulgação desta cultura, pois, lá embaixo, tinha grandes amigos, era respeitado e chamado de Professor, deitava lampejos de sabedoria. Era o grande folclorista de Piracicaba. Cresci ouvindo falar desse moleque inteligente que o meu pai ensinou a nadar no Clube de Regatas; posteriormente, nos tornamos grandes amigos.

#### **A Cultura chamada Caipiracicabana**

A Rua do Porto recebeu, tardiamente, os benefícios da urbanização. Até cerca de trinta anos atrás, jazia semi abandonada dos poderes públicos, sem calçamento nem asfalto. O Largo dos Pescadores era de terra batida, como no tempo das monções do Avanhadava. São relativamente recentes as transformações que alteraram o velho estilo de vida e o tradicional *modus vivendi*.

As crianças recebiam pouca escolaridade, bastando algumas luzes no Grupo Escolar Francisca de Castro, alguns rudimentos no exercício da escrita e da leitura. Os homens adultos se dedicavam à lida no rio, poucos se incluíam no operariado da Fábrica Boyes ou do Engenho Central. As mulheres criavam os filhos que já *nasciam nadando no rio*, limpavam os peixes, cuidavam da bóia. Os moradores ribeirinhos serviam-se de um léxico sincopado, enriquecido de gíria e expressões próprias, dotadas de fonética ritmada, moduladas aos sons do Vaivém e do Salto. Ainda se empregam expressões idiomáticas redundantes, como *subi prá cima* (o rio) e *descê prá baixo* (do Salto). Outras soavam estranhas como *amarriu* (cordão de sapato) e *tora* (pedaço de alguma coisa, fosse rapadura, linha, pão).

Numa das nossas entrevistas, perguntei ao Tote quais eram os critérios pelos quais se avaliava a valentia de um caboclo na Rua do Porto. – Não era no facão – respondeu-me. – Era pela coragem de praticar a pescaria no Salto. - Mas não era pelo próprio Salto e sim, pelo desafio de ter de

15

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

atravessar, sucessivamente, três regos perigosos até chegar aos bons pescadores. O primeiro, era o rego da Fábrica Boyes; o segundo, era o rego da bosta (que lançava os esgotos do centro da cidade no rio Piracicaba); o terceiro, era o rego da usina Luiz de Queiroz.

A admiração por um membro da sociedade ribeirinha advinha do seu desempenho em função dos seus conhecimentos sobre o rio, da sua coragem pessoal, do seu arrojo no Salto e no Vaivém, da sua habilidade de pescador, do seu manuseio com os sondás, as varas de pesca e as tarrafas, do comando dos botes e dos motores. Havia pilotos e proeiros famosos como o Angelim, que eram solicitados pelos aficionados, a participar das inesquecíveis pescarias, rio abaixo.

O protótipo desta cultura ribeirinha era o caboclo caladão, às vezes dotado de fortes traços indiáticos, sério, mas esperto, afável, bom de papo, quando se sentia à vontade, apegado à sua religião e a sua fé no Divino Espírito Santo. Tote era assim. Respeitoso, escolhia bem as palavras; cortês, não deixava de dizer tudo o que precisava ser dito para não falhar a inteligibilidade da comunicação. Certa feita, contou-me uma anedota que devia ser corrente entre os pescadores e barqueiros das imediações do Largo dos Pescadores, sempre tão assediados por aqueles curiosos e forasteiros que desejavam passear de barco. Era sobre um daqueles tipos afetados, delicados e maneirados, que, ao sentir o barco jogando no meio do canal, perguntou assustado, ao remador: - *O senhor nunca perdeu nenhum passageiro? – Quar... nunca! Quando ele cai por aqui, nós cata ele na curva: é só isperá três dia, inté o fé arreventá.*

Tote tinha alma de poeta, apesar de haver sido preparado pela mãe para ser pescador. Foi à D<sup>a</sup>. Antônia Malagueta de Pádua que ele dedicou os mais inspirados versos do seu caderno manuscrito. Nos últimos anos, andava muito fragilizado em razão da enfermidade, amargurava-se com o destino do rio, ralava-se da saudade dos bons tempos, chorava facilmente. Foi entre lágrimas que me declamou a estrofe complementar àquela poesia, intitulada, *À minha Mãezinha*:

*Mamãe, até um dia/ Em que a morte vier me buscar/  
Mesmo sendo no infinito/ Inda vamos nos abraçar.*



Lágrimas e confidências de lado, chegamos à questão do velho e legendário Salto. - Então é verdadeiro que o Salto adormece, uma vez ao dia? - *Verdade, sem quebra nem falha, só não tem hora pra acontecer - Como pode? - Claro que pode.* - A fantástica realidade, eu própria constatei, naquela terça-feira, quando o seu féretro buscou passagem, velozmente, pela Avenida Beira-Rio. O velho Salto dormiu às 16h15, optando pela inconsciência a sangrar de dor ante a perda do filho do rio que partia para sempre. Vi, ouvi e gravei para contar. Exatamente como diziam.

Ao cair de uma tarde belíssima de verão, Tote despedia-se do seu amado rio, da Rua do Porto, do Largo dos Pescadores e da sociedade que dignificou em vida. Os amigos renderam-lhe as últimas homenagens, as pombinhas da Irmandade do Divino Espírito Santo se recolheram aos telhados. .Mais tarde, o Salto acordou para prantear a sua imensa tristeza. Tentei consolar a Maria Vitalina, que ficou solitária com a sua saudade, embora corajosa, à soleira da casa vazia. Subi a rua Moraes Barros repassando as minhas lembranças particulares, agora transformadas em memória, daquele que foi o símbolo da Rua do Porto e da Cultura Caipiracicabana.

Num ficcional improvisado, posso narrar a pressa com que os anjos transmitiram a notícia da sua chegada à Corte Celestial. De todos os cantos, acorrendo os velhos amigos que o precederam na Eternidade: os caboclos de pés nus, cabelos escorridos à curumim, olhos apertados, pelo *tantão* de sangue de bugre; os negros, os mulatos e os brancos. Não faltaram os representantes da extinta colônia de pescadores e da camaradagem do rio: Angelim, Onofre, Rei, Fermino, Joãozinho e Raimundo. Chegavam acompanhados dos tipos populares, Maria Petuça, Lazinho do Brejo, dos famosos cantadores, liderados pelo maior dos bardos que conheci, Pedro Chiquito. Muitos analfabetos nesta vida, ombreavam com os luminares da Inteligência piracicabana: Alceu Maynard de Araújo, João Chiarini, os dois irmãos Diehl: Dr. Jacó e o professor Julinho, os dois primos, José Maria Ferreira e Valter Carvalho. Admiradores forasteiros também se faziam presentes: Amadeu Amaral, Cornélio Pires e Ada Natal Rodrigues.

Anjos trigueiros, negros, caboclos, cacheados, pixains afinavam os instrumentos e as vozes, acelerando os batu-

ques para o definitivo concerto. Entre relâmpagos e coriscos, voz poderosa houve por comunicar estar chegando o poeta, o Imperador do Divino, o pescador, o operário, o filho do rio Piracicaba. Pôde ocorrer que os anjos músicos se atropelassem com os anjos cantores no instante de decidir sobre o melhor das batidas na congada, do acertar os passos no cateretê ou de apurar os desafios nos versos do cururu. Ele estava chegando na forma astral que melhor se coadunava ao meu imaginário, a de moleque descalço, sem camisa, a dar topadas pelos seixos da Rua do Porto, desejoso de banhar-se nas águas lustrais. Um último detalhe: estava carregando a milagrosa Bandeira do Divino Espírito Santo e pedia, humildemente, licença para entrar.

18

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## À GUISA DE PREFÁCIO

Nos meus tempos de criança houve uma campanha tremenda feita contra a moléstia chamada “amarelão” que atingia a quase totalidade da povoação rural. Basta dizer que, dentre os moradores do meu bairro, apenas um escapou incólume ao exame de fezes.

Monteiro Lobato, escritor de renome, tomou a si a propaganda contra essa moléstia, por meio de um folhetim no qual narra a biografia de um pobre matuto atacado por tal doença. Um médico casualmente visitou-o em sua choupana e lhe receitou o medicamento apropriado, completando o restabelecimento da saúde com a receita de um fortificante, muito usado na época.

Com isso restabeleceu-se, começou a trabalhar com entusiasmo, causando inveja ao italiano vizinho a sua propriedade.

Enriquecido, resolveu ampliar a propaganda do medicamento, do fortificante “Biotônico Fontoura”.

O folhetim ficou muito conhecido entre os alunos rurais, permanecendo gravado em minha memória, tanto que isso me levou a verter para o Latim, o folheto inesquecível do incomparável escritor da língua lusitana.

Os leitores, já sexagenários, que foram meus alunos nos ginásios da cidade, poderão entender bastante o latim ali usado.

Prof. Guilherme Vitti

19

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## JECA TATU

Versão Latina feita pelo  
Prof. Guilherme Vitti<sup>1</sup>

1. Guilherme Vitti, sócio fundador, Ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

I

JECA, TATU cognominatus, pauper rusticus erat qui domicilium suum in casa herbis tecta habitabat. Cum macerrima atque foeda conjuge, cum palidis tristibusque filiis vitam in aegestate maxima debebat. Incoxatus, tabaci longas fistulas exhauriens, vitam animo fracto traducebat. In silva venari, folia tenera ex palmis extrahere, fructus silvestres legere solebat, sed notionem brassicae stirpem deponendi, quae post domuculam suam erat, non habebat.

Fluebat prope domum rivulus, in quo pisces parvulos interdum captabat. Hoc modo vivebat.

Dolore afferretur si quis casae egestatem videret. Non instrumenta, non vestimenta, nulla commoditas. scamnium, criba rupta, sclopetum pessimum tantum ei erant.

Omnes transeuntes murmurabant:

- Quam pigerrimus homo!

II

Jeca Valetudo sic infirma erat quod, cum lignaret, in lignarum fasciculum ferendo, hominum risum movebat. Ita inflexus ambulabat, ut si magnam molem pondus ferret.

- Cur grandem fascem una non affers? Eum quondam aliquis quaesivit.

Jeca, barbam sua scabens, respondit:

- Non tanti est!

Ei omnia tanti non erant. Tanti non erat domum reficere, hortum non facere, arbores fructiferas non serere,

20

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

vestem non reconcinare. Solum aquam ardentem haurire operae pretium erat.

- Cur bibis, Jeca? Interrogabant.
- Bibo memorias admittendas causa.
- Ad quas res admittendas?
- Calamitates vitae.

Tum omnes transeuntes clamabant:  
Non solum piger est, sed etiam ebrius.

### III

Jeca multa jugera terrae erant, sed ex eis fructum capere nesciebat. Omnibus annis, paucum oryzae et faseoli, ullas curcubitarum stirpes tantummodo serebat. Circa domunculam suam, ullos porcellos et raras gallinas creabat. Sed sus et aves vitam eorum ordinarent, quod Jeca eos non nutriret. Qua de causa, porcellus nunquam farciebat, et gallinae paucum ovorum ponebant.

Erat etiam Jeca canis scaber macerque, Jocus cognominatus, comes fidusque amicus. Cui, quod parasiti multi in lumbis erant, multum patiebatur. Etsi animal gemeret, ei tamen Jeca non medebatur. Curnam? Pigritiae, fracti animi causa...

Homines, cum id viderent, naso eum suspendentes, clamabant:

- Quam inutilis homo! Ne quidem canis parasitos extraheret velit!

### IV

Aquam ardentem bibere et in sole se ponere tantum cupiebat Jeca. Ita canem juxta se habens, horas multa dormitabat. Vitam transire, herbam crescere, casam cadere ei parvi intererat.

Laborare nolebat. In propinquo, agricola italicus, satis dives habitabat, qui per diem laborabat. Interrogantibus quare illum vicinum non imitaretur, respondebat:

- Plantare tanti non est! Formicae omnia devorant.
- At cum formicae in rure italici vicini non sunt?
- Quia eas destruit!
- Cur idem non agis?

21

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Rusticus, caput scabens, per dentes sputans, semper eadem excusationem afferebat:

- Non tanti est...
- Non solum piger est, sed etiam bibulus et stultus, omnes clamabant.

## V

Quondam medicus, cum ad ejus casam pluviae causa pervenisset, miseriam tantam miratus est. Ut rusticus tam enxsanguem atque macrum vidisset, eum inspiciendi consilium capit.

- Jeca amice, tu in morbo es.
- Forsitan sit. Ex capite laboro, lassitudinem inifinitam et pectoris dolorem, Qui in tergo reddit, sentio.
- Id ipsum est! Anchilostomyase laboras.
- Anchi... quid?
- In te pallidus morbus est, intellexistine? Hic morbus a multis non distinctus de febris rescidiva.
- Tum nonne febris rescidiva?
- Utique. Isto morbo nomina plura sunt, nam sanguinis defectionem, languorem et animi infirmitatem morbi illius provocat, sed diversus est.

Febris rescidiva per tremorem cognoscitur, nam febris, ad certum tempus semper superveniens, sudorem copiosum provocat. Qui febris rescidiva laborat, medicamento Maleitosan Fontoura nominato, convalescit, Qui anchilostomyase patitur, anchilostomina Fontoura se curat. A te morbum depulsurus.

## VI

Medicus ei medicamentum, anchilostaminam Fontoura Appelatum, praescipsit, ut sic sorberet: Sex pilulas bene mane et, postero die, alteras sex.

- Ita age, bis septimana interposita. Nisi, post duas horas quam medicina adhibita fuit, defaecatus eris, purgativum sorbe. Parem calceamentorum et aliquas lagenas corporativorum, nomine Biotonico, eme, excalceatus ne ambulaveris, neque aquam ardentem biberis, intellexistine?
- Utique, domine!

22

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Sic age, medicus redarguit, domo egrediens. Jam non pluit, et dives fies tanquam vicinus italicus. Ad septimanam redibo.

- Usque in id tempus, domine medice.

Jeca cogitans factus est. Verbis scientiae non credebat, sed postremo, medicinam et etiam parem calceorum stridulorum emit. Primo magnum damnum fuit, quia omnia conculcabat. Ad tempus se assuefecit.

## VII

Ubi medicus redivit, Jeca, gratia medicamentorum Anchilostaminae et Biotonici Fontoura, satis convaluerat.

Medicus, oculorum amplificatore, rem, quae de intestinis ejus ejecta erat, ei monstravit.

- Vide, Jeca, Quales vermiculos in ventre tuo procreabas! Hi sunt anchilostomi, vermes in paludibus viventes, qui, in pedes penetrando et carnem perforando, ad instestina perveniunt. Ibi, intestinis adhaerescunt et infirmum laedunt. Anchilostominam medicamentum sorbentes, anchilostomi e ventre tuo exhibunt. Calceorum usu, anchilostomi humi corpus non penetrabunt. Ita faciens, et te aliquis lagenis corporativorum Biotonici, ovis lacteque corroborans, morbus non redibit.

Jeca ore hianti mirans:

- Angeli gratias tibi agant, domine medice!

Jeca vero, vermiculos in pedes penetrare credere noluit. Tantummodo cognito crederet. Medicus eum advertere tentavit. Et cum eum in umidum locum, post domum inferret:

- Calceum tolle, istac parum ambula.

Jeca ei oboedivit.

- Nunc huc veni. Pedem super genu pone. Nunc pellem per oculorum amplificatorem inspice.

Jeca, instrumentum inspiciens, nonnullos vermiculos, in pellem suam inter spiramenta jam penetrare percepit.

Miser obumbratus, maxime oculos aperiens, clamavit:

- Verum est, tamen! Quspian dicerit!

- Namque id est, Jeca, atque in posterum de scientia noli dubitare.

- Ita semper agam! Deinsceps, domina scientia locuta, Jeca jusjurandum dabit! Apage! Nullo tempore aquam ardenti utar, ne remedium quidem!...

23

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## VIII

Vere, omnia a medico praevisa evenerunt. Post tres menses, nemo Jeca recognosceret. Ad sanitatem perductus Anchilostomina et Biotonico medicamentis, bellus, coloratus, fortis tanquam taurus, factus erat.

Jam piger non erat. Cum securem caperet, arbores contremiscebant. Pan, pan, pan... longum per tempus sonus audiebatur, et arbores altissimas nullo modo resistere poterant.

Tum animi plenus, nemus ut solum tribus jugeris exercebat, cecidit.

Eucaliptos etiam, in campis paludosis statuit, et domum reconcinnavit, et suillam haram, et aviarius gallinarum construxit. Homo impiger, sic furiose laborabat, ut italicum vicinum in admirationem traduceret.

- Paulisper requiesce, amice!... hoc modo erumpes... transeuntes clamabat.

- Tempus mihi recuperandum est, securem, tenens respondebat. Cupio italicum linguam ocludere.

## IX

Jeca, Qui timidus fuerat, strenuus vir factus est. Nihil jam timebat, ne fellem unciam quidem. Quondam, in silvam ingressus, insolitam vocem felinam audivit.

- Felis uncia est! Et cultrum nullum mecum porto... at animum non demisit. Illam firmiter expectavit. Cum fera in eum impetum fecit, in rostro ejus talem pugnum impegit, ut bestia, ictus sopita humi voveretur. Jeca rursus progressus, collo percipiens animal, idem extrangulavit.

- Mene cognovisti, improba! Tum cogitas in infirmum ebrium te laborare? Certior fias a me medicamenta Anchilostominam et Biotonicum sumpta esse, et nunc stridulus calceis uti...

Comes illius, cum verba ista audiret, non magis de aliquare scire volens, fugam maturavit...

Dictum est etiam nunc bestiam currere...



## X

Olim cun lignaretur, vix tres ramusculos portabat; nunc subridens, ut si enorme pondus locus esset, fasces virgarum, quae in admirationem sui adducebant, transferebat.

- Jeca amice, hoc modo errumpes, dicebant. Ubinam una ferre tantum ligni visum est?

- Debilis ille jam non sum! Id mihi facillime est, rusticus ridens respondebat.

Ut domum incrementum poposcit, eodem modo egit. Tum in silva ingentes arbores secavit, eas scalpsit et inter brachia in domus aream attulit.

- Vi illius hominis, qui Anchilostominam et Biotonicum mecidamenta sorbuit, stridolosis calceis utitur, ne quidem haustum unum aquae ardentis bibit, arbores convincam.

Italicus, cum id contemplaretur, caput fricans:

- Nisi diligens ero, aiebat, ille veterator me superavit. Per Bacchum...

## XI

Tunc agros ejus contemplari jucundum erat. Aratris et bobus emptis, antequam sementes faceret, terram emolliebat. Unde factum est ut oryza et faseoli viridentes pervenirent.

Italicus miratus, ore aperto clamabat:

- Nunquam agros pulchriores contemplavi.

Nunc Jeca paulum, modo antiquo, non serebat. Tantummodo ita quam maximam sata cupiebat, ut regionis incolis invidiam incuteret.

Si quis eum interrogaret cur tantas sementes faceret, redarguebat;

Quia nunc homo pecuniosissimus esse volo. Totas terras meas colam. Postea, duos fundos ingentes erigam - Fundum Anchilostominam et Fundum Biotonicum, Imo vero, regionis praefectus ero.

Et nemo amplius dubitabat. Italicus clamabat:

- Et reipsa condet, et in regione praefectus erit... Per la Madonna!...

Eo tempore, cum medicus illac transiret, de ejus mutatione multum miratus est. Is, spes fuerat, ut convalesceret, sed non adeo.

25

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Jeca medicum amantissime exceptit, uxorem liberosque ei tradidit. Pueri robusti crescere, ludentes vivere, hilares tanquam passeret. Ibi omnibus animalibus calceamenta erant.

Illi rustico tanta fides in calceamentis, ut calceis etiam pecora in pedibus utebatur. Sic etiam gallinae, anates, sues, omne pecus gallus, vero, calceis cum calcaribus.

- Hoc plus aequo, domine Jeca, medicus inquit, quia naturam adversus est!

- Plane intelligo, nam huic rusticae initium facere desidero. Huc venientes atque videntes nunquam fabulas obliviscantur.

## XII

In brevi spatio exitus splendidi fuere. Ita porcorum grex increvit, ut multi, eos mirantes, longe pervenirent.

Jeca autoucurrum emit et, pro more antiquo, sues in emporium cito vehebat via autucurru buccinans: fon-fon... fon-fon...

Itinera pessima, sumpto suo, refecta sunt.

Jeca dubias sanitatis jam esse arbitratur. Tantummodo emendationes, progressus, res americanae animo sua erant. Cito ad lectionem instituit, domum suam libris implevit, denique britannicae linguae litteratorem accepit.

- Britannorum sermonem eloqui cupio, Civitates Foederatae Americae visurus, aiebat.

Magister narrabat:

- Nunc Jeca tantum lingua britannica loquitur. Ab eo non dicitur sus, sed big, hen...

Nihil de aqua ardenti. Prius diabolium videre, quam poccilum aquae ardentis sumere.

## XIII

Jeca vix fasciculos tabaci sibi specialiter sugebat et, in arabicis equis consessus, agros suos inspiciebat.

- Quis eum olim vidisset, quis nunc videret! Quantum mutatus ab illo! Peregrinus et in loquela videtur!

In fundo Biotonico res multae erant: agri fenestellarum, pulcherrima pomaria poma varia habentia,

imo vero bombycis procreatio; Jeca sata mororum immensa posuit.

- Nemo suspicionem habet, quantum malorum hi vermiculi humanae genti molestias deferentes provocant... et pulveratione iterabat.

Hoco modo vitam suam sanando rusticos degit. Cum mortuus est unum de nonaginta annos natus, statuam ejus non posuerunt, nec laudationes in diurnaliis habuit. At nemo eo tranquillissimus mortuus est. Officium suum usque ad mortem fecit.

#### XIV

Pueri, ne fabulae memoriam amiseritis; dum adoleveritis, Jeca imitamini. Cum fundorum domini eritis, colonos sanaveritis. Quod praeter magnum beneficium eis, negotium optimum vobis erit. Labor eorum triplo augebatur. Natio magna est amplitudine, neque incolarum numero. Magna fit labore et genere populi sui. Salus, autem populi magna virtus. Ex ea omnia manat. Sed remedium excellens, terribilem pestem tollens, quas manus pretiosas ab labore discedit, Anchilostomina vocatur.

Ita, medicamentum sanitatis, custos maximus, quod animum, vim et roborem addit, Biotonicus Fontoura nominatur.

Finis

27

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## **PRIMEIRAS ELEIÇÕES COMPUTADORIZADAS NO BRASIL**

Frederico Pimentel-Gomes<sup>1</sup>

1. Frederico Pimentel Gomes, Ex-Presidente do IHGP, Professor Catedrático da Esalq (aposentado).

É bem sabido que as eleições brasileiras mais recentes usaram urnas eletrônicas e tiveram seus resultados publicados em poucas horas, graças às facilidades de comunicação e cálculo à disposição dos eleitores e da Justiça Eleitoral. Esta situação, tão boa para esse importante e essencial funcionamento das eleições brasileiras, teve começo em Piracicaba, como se divulgou no número de outubro do Almanaque de Piracicaba 2002-2003, fascículo 18, página 414, publicado pelo Jornal de Piracicaba e pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, sob a responsabilidade do jornalista Cecílio Elias Netto. Mas essa notícia ignora a colaboração essencial dada pelo Departamento de Matemática da ESALQ e pelo Prof. Dr. Roberto Simionato Moraes, utilizando o computador do Departamento (o primeiro chegado em Piracicaba, e o mais utilizado desde sua instalação). Esta omissão deve-se ao fato de que Cecílio se baseou apenas na informação jornalística da época, que é incompleta. Mas a verdade é que sem o Professor Roberto, utilizando o computador do Departamento de Matemática e o do grupo Dedini, tal resultado não teria sido obtido em 1976.

É de justiça ressaltar esse pioneiro da Informática em Piracicaba e no Brasil, no progresso importante com que nossa cidade e nosso País contribuíram para as modernas facilidades de votação e de apuração das eleições em todo o mundo.

28

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE PIRACICABA E REGIÃO

Pedro Chiarini Neto<sup>1</sup>

Piracicaba: região geográfica propícia para a fixação do ser humano bem antes dos civilizados aqui chegarem e fundarem um núcleo habitacional constituindo família. Foi hábitat natural de seres como o índio e até o homem pré-histórico.

Comprovar isto é fácil e, ao mesmo tempo, difícil. Porque?

A sanha e ignorância, falta de divulgação informativa ou a pressa de se enriquecer monetariamente ou politicamente, aliada ao desinteresse dos órgãos governamentais, falou e fala mais alto, tornando-nos cegos, surdos e mudos, desprezando a nossa história, a nossa subsistência como a nossa sobrevivência. Porque é dos erros do passado que construímos o futuro.

É fato comprovado da imprensa falada e escrita de noticiários ou relatos de boca a boca da descoberta de vestígios da presença do *índio e do homem pré-histórico* aqui na região; içaçabas (urna mortuária indígena), cacos de louças, pontas de flechas, machado, facas e até anterior a isto.

Lugar privilegiado, propício, onde se encontra de tudo: caça, pesca em abundância, além de terras férteis de ótima qualidade com raízes, folhas e frutos em que se plantando tudo dá, com muitos cursos d'água e aguadas necessárias à sobrevivência e à locomoção.

Terrenos altos e protegidos das invasões de água e propícios a observações de longas distâncias; matas extensas com árvores de grande porte e de madeiras nobres. Piracicaba já nasceu com tudo para ser grande!

1. Pedro Chiarini Neto é Professor e sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

29

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Existia, acima da Casa do Povoador, um paredão natural de pedras diabásicas, com inscrições rupestres ideográficas do homem pré-histórico (que viveu antes do índio) – indicavam onde se encontrava alimento. Muitos estranhos e desconhecidos (que devem ter ficado ali por séculos sem que ninguém saiba quem os fez). Sinais estes que, se tivessem se tornado públicos e preservados, atrairiam grande número de pesquisadores nacionais e internacionais pra decifrá-los.

Mas... um alcaide piracicabano mandou implodir-lo e aproveitar o que sobrou para a construção da piscina do clube de Regatas de Piracicaba e do paredão de arrimo da avenida Beira Rio. Apesar das explicações de um professor catedrático de Arqueologia da USP e do professor Archimedes Dutra, o alcaide debochou de todos os presentes dizendo que aquilo era: *arranhaduras de jacaré nas pedras para afiar as unhas*. Eu estava presente quando tudo isso aconteceu. Tivemos que tirar os moldes às pressas e hoje estão reproduzidos em gesso na Cidade Universitária, em São Paulo.

Também tenho notícia de outro paredão com inscrições ideográficas perto da cidade, mas... temi torná-las públicas e localizá-las para que não fossem transformadas em suvenires.

Quando menino ouvia-se falar muito nuns bolsões de pedras acima da Casa do Povoador para captura de peixes na época das cheias, que coincidia com a época da piracema, construídos por nossos antepassados. Tive informações sobre a *oca de pedras*, gruta existente no início da rua Luiz de Queiroz; lugar de bom barro, pedras e próximo a pesqueiro, continha muitos rabiscos (inscrições).

Na época da destruição do paredão com inscrições, o professor da USP nos contou que na cidade universitária, no museu de Arqueologia, existe um ídolo de pedra imitando um animal (tigre) encontrado em nossa região.

O pesquisador e colecionador senhor Jair Vitti encontrou nas regiões dos bairros de Santana e Santa Olímpia várias centenas de machados, pontas de flechas, facas de pedras, já expostos em vários lugares.

Na Usina São Francisco, perto da vila de Tupi, encontrou-se material indígena. Na pedreira perto da ponte de

ferro de Ártemis, segundo relato do Professor Anísio Godinho, encontravam-se pontas de flechas, facas e o mais, quebrados ou inacabados, talvez um local de fabricação.

Na fábrica de tecidos Aretuzina, em uma das suas reformas, foram encontradas várias igaçabas, todas destruídas pela crença de que continham tesouros indígenas. Em um posto de gasolina na rua Tiradentes ao cavoucaram um fosso, para inserir um tanque de combustível, foram encontradas duas; mas a ignorância imperou mais uma vez, pois, todos queriam levar um pedacinho como lembrança, o que foi impedido pelo dono, que mandou construir uma proteção em volta e cobri-las com uma laje de concreto reforçado, existente até hoje no local.

Na região do bairro Recreio e Tabela, no sítio da família Boaretto, perto da Usina Costa Pinto, no meio de um pasto, existe uma abertura que é a entrada de uma caverna. Dizem os mais antigos da região que, em 1932, na Revolução Constitucionalista, três revolucionários, fugindo das tropas do governo que os procuravam, se esconderam ali. Quando saíram, anunciaram na região que, lá dentro, numa das salas existia muito material indígena. Até hoje não se tem notícia de que alguém ou instituição histórico-cultural procurou verificar a veracidade.

O professor, historiador e artista plástico Archimedes Dutra possuía uma urna intacta, encontrada perto de seu rancho no trecho do rio Iguaçu, hoje de posse do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes.

No bairro Marins, no sítio do Sr. Antônio Berto, a uma distância do ribeirão que dá nome ao bairro e do rio Piracicaba, região alta com boa visibilidade, livre da invasão das águas, encontrei uma urna mortuária (hoje na casa de minha irmã) e mais doze mil cacos de louças indígenas, pontas de flecha, faca, todos pintados ou trabalhados com baixo relevo, o que demonstra um certo grau de cultura da tribo que o produziu. Está hoje de posse do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. A igaçaba por mim encontrada ficou exposta na vitrine do **Jornal de Piracicaba** e foi motivo de uma reportagem de primeira página da edição de 19/10/1956.

Há notícias de que em outros sítios dos dois lados do ribeirão Marins também foram encontrados vestígios da presença de índios.

31

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Freqüentando o rio desde 1945,acompanhando meu pai, Dr. Nelson Chiarini, um pescador inveterado, eram motivos de referência duas ilhas: Ilha das Flechas e Ilha da Sepultura.

Porque essas denominações? Segundo o que consta, não sei se por escrito ou de boca, de geração a geração, o relato é este: quando os monçonenses subiam o Rio Piracicaba em batelões vindos da vila de São Paulo, em direção ao Forte de Iguatemi, levando armas, munições, vestuários e suprimentos alimentares, eram tocaiados pelos índios na primeira ilha - Ilha das Flechas e os mortos eram enterrados na segunda - Ilha da Sepultura. Meu pai dizia que lá existia uma cruz de ferro e pescadores encontraram nesse trecho um arcabuz exposto no **Jornal de Piracicaba**, pertencente ao professor Alberto Thomazi, e uma garrucha com data de 1960, em mãos do professor Archimedes Dutra.

Também na margem direita do rio existiam vestígios de uma rampa milenar (antecede a chegada do homem branco à América) segundo relato da historiadora e professora Marly Therezinha Germano Perecin em artigo no **Jornal de Piracicaba** 01/08/2002, no caderno D-15.

Quando menino, ainda visitava muito o Clube de Ciências, do saudoso Professor Moacir Dinis, num prédio localizado onde hoje se encontra a escola de música, na Rua Santa Cruz, que terminou em nada. Seu acervo estupendo, com muito material arqueológico, ficou tempo sob a guarda do Professor Demosthenes dos Santos Correia na Escola Sud Mennucci, inclusive bonecos de barro feitos por nossos antepassados de origem desconhecida.

A verdade é que em nossa região existiram e existem muitos vestígios imemoriais do homem pré-histórico e do índio, com vários graus de cultura, bastando para isso examinarmos o que sobrou desses vestígios, o que aí foi achado e coletado. Isso é um alerta às instituições sócio - culturais e científicas ou históricas para que conscientizem a população a não destruir e avisar quando acontecer um achado em um local, para que sejam preservados.

Tanta prova assim, mereceria até um museu especialmente feito para isso, pois o *nosso museu não é nosso!* Vocês sabiam que o Museu Prudente de Moraes não é nosso? Pertence a Universidade de São Paulo. Amanhã ele pode ser transferido! E daí?



## **A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO**

Jaime Patricio Sepulveda Figueroa<sup>1</sup>

### **Apresentação**

Com o presente texto, pretende-se encaminhar uma reflexão sobre as condições recentes que abarcam a esfera da formação profissionalizante, no contexto das relações sociais do trabalho na sociedade de hoje.

A análise da história recente da relação da educação com o mundo do trabalho, deve levar em conta o processo de globalização da economia como um dos grandes determinantes nas transformações dos modos de produção.

Os novos processos produtivos modificam as relações sociais do trabalho, gerando condições que criam novas demandas quanto ao conhecimento que o trabalhador deve possuir para concorrer a uma vaga no mercado de trabalho.

Assim, pergunta-se: Diante das novas condições históricas para a realização do trabalho, quais são as mudanças no processo de concepção do pensamento que emerge no âmbito da formação profissionalizante, impostas pela globalização?

Incomoda o fato de termos uma escola formadora de profissionais que, diante das mudanças do trabalho, ainda pouco contribui para que o trabalhador reconheça na realidade objetiva da qual faz parte, quais são as suas ferramentas para defender seus direitos e superar a alienação.

### **Formação profissional hoje: possibilidades e problemas**

O desenvolvimento técnico obtido pela invenção da máquina no século XVIII, deu início ao processo de aliena-

1. Professor de Geografia pela Unesp de Rio Claro, com especialização em História pela Unimep. Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

**33**

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

2. Moraes Neto, Benedito R. de, *Marx, Taylor e Ford. As forças produtivas em discussão*. p. 45.

ção do trabalhador, na medida em que, ao realizar apenas uma parte da produção de um determinado bem, passou a viver uma relação de estranhamento com o produto final de seu ofício.<sup>2</sup>

No final do século XIX, uma nova forma de organização do trabalho, o taylorismo, surgiu da utilização de princípios científicos aplicados à produção fabril, separando, definitivamente, os processos de concepção e de planejamento da produção, do setor produtivo de mercadorias propriamente dito.

Henry Ford, na virada do século XIX para o século XX, cria a linha de montagem, e a fragmentação do trabalho iniciada com a revolução industrial, negava mais uma vez ao trabalhador o direito à consciência do processo de concepção da produção, do qual faz parte apenas como força produtora.

Com o passar do tempo, tornou-se necessário encontrar, no mercado de trabalho, sujeitos capacitados para a execução de tarefas específicas dentro do espaço fabril, a fim de dirigir as máquinas. Foi assim que nasceram as primeiras escolas profissionalizantes na Europa ainda no século XIX. Buscou-se, então, estabelecer uma formação profissional que buscava ajustar o trabalhador às demandas do mercado, dentro de uma perspectiva produtivista.

A escola profissionalizante surgiu para dar suporte à reprodução do capital, e tornou-se a matriz produtora da mercadoria força de trabalho. Assim, a educação profissionalizante atua, desde então, como disciplinadora da mão-de-obra, utilizando uma metodologia que, pode-se dizer, tratou de adestrar as massas urbanas para o trabalho.

Na escola de modelo taylorista-fordista, a população passa a ser instruída a fragmentar o conhecimento, o que impede o trabalhador de compreender e de ter domínio da complexidade da organização do trabalho. Segundo Enguita, *a obsessão de toda escola taylorista é eliminar qualquer vestígio de trabalho intelectual ou funções de concepção da oficina, do escritório, etc., para constituir-los em monopólios da direção, ou seja, do capital e seus comparsas.* ( Enguita, 1993, p. 194 )

Desta forma, é preciso esclarecer para o leitor que a lógica do capitalismo age sobre as condições históricas de

34

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

realização do trabalho, fato que se reflete sobre o pensamento pedagógico que circula nas escolas formadoras de mão-de-obra especializada. Esta mentalidade subordina a educação profissionalizante aos interesses do mercado.

Hoje, a globalização da economia em curso, coloca as forças produtoras diante do problema do desemprego. As empresas, na intenção de superar a rigidez do esquema fordista de produção<sup>3</sup>, que compromete o processo de acumulação capitalista, sofisticam-se avançando na eficiência e na agilidade da produção de suas mercadorias, pois se utilizam cada vez mais de modernas tecnologias com grande capacidade de simplificar o trabalho.

Em sua fase atual, o capitalismo transpõe as fronteiras nacionais e pulveriza a possibilidade de colapso generalizado. Milhões de desempregados aumentam, dia após dia, os bolsões de pobreza em todo o mundo. Kurz ( 1992, p. 186 ) expressa bem esse quadro de angústia das populações excluídas :

*O jogo do mercado mundial, que absorveu e assimilou todas as outras formas, já não permite que os perdedores voltem depois para a casa em sossego, mas sim está destruindo sucessivamente para eles toda possibilidade de uma existência digna. Quando esses homens, povos, regiões e Estados perceberem que nunca mais terão alguma chance de vencer e que as futuras derrotas inevitáveis os privarão de qualquer possibilidade de viver, lançarão, mais cedo ou mais tarde, o tabuleiro no chão e dispensarão todas as regras da chamada civilização mundial. Essas regras democráticas da razão mundial burguesa e iluminista são em sua essência abstratas e insensíveis, pois seu verdadeiro fundamento é o automovimento do dinheiro, abstrato e privado de sensibilidade, movimento que faz nascer suas leis históricas destrutivas e as executa mecanicamente até o terrível fim.*

O novo modo de produção industrial, está sendo denominado de *modo de produção flexível*, caracteriza-se, ainda, pela busca de novos mercados, novas fontes de ener-

3. Harvey, David. *Condição Pós-Moderna*. p. 136-140.

35

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

gia e pela desestruturação dos sindicatos organizados pelos operários, na medida em que a produção se especializa em novos setores da indústria, e, principalmente, porque contrata serviços terceirizados, liberando as empresas dos custos e da responsabilidade para com os encargos sociais dos empregados.

A análise do desempenho das novas tecnologias que se inserem no contexto da reestruturação produtiva do setor industrial, tem demonstrado que o efeito desse processo, por um lado, é eliminar postos de trabalho, porque o trabalho complexo é transformado em trabalho simples, fato que diminui o custo com a força de trabalho, mas, por outro lado, faz emergir novas necessidades dentro do espaço da fábrica: apesar de reduzir a massa operária, exige-se do trabalhador, uma maior capacidade de abstração e de reflexão sobre os processos produtivos.

Neste ponto, é preciso reconhecer que não se pode acreditar que o trabalhador da fábrica está por desaparecer, pois, como aponta Antunes (2002, p. 62), *não é possível perspectivar, nem mesmo num universo distante, nenhuma possibilidade de eliminação da classe-que-vive-do-trabalho* ( os grifos são do autor ). O trabalho vivo, ainda que reduzido em números absolutos no setor industrial, passa por uma renovação no que diz respeito a qualificação exigida para este setor da economia. E esta característica é fundamental para compreender como a globalização, através, principalmente, da forte concorrência entre os mercados, acaba por impor mudanças para a classe trabalhadora.

No panorama da produção flexível, segundo Machado ( 1992, p. 15), o aspecto relevante desse processo, é que *com a flexibilização funcional um novo perfil de qualificação da força de trabalho parece emergir e, em linhas gerais, pode-se dizer que estão sendo postas exigências como: posse de escolaridade básica, de capacidade de adaptação a novas situações, de compreensão global de um conjunto de tarefas e das funções conexas, o que demanda capacidade de abstração e de seleção, trato e interpretação de informações.*

Frigotto ( 1992, p. 48 ) em texto intitulado *As mudanças tecnológicas e educação da classe trabalhadora: politecnia, polivalência ou qualificação profissional?*, alerta

que as transformações que suscitam uma demanda por maior e mais profunda qualificação profissional de um trabalhador, não rompem com a lógica de exclusão social do capitalismo, pois :

*Se na verdade não dá para negar que essas mudanças tecnológicas configuram uma nova qualidade, é preciso afirmar que elas não configuram um processo revolucionário, na medida que se dão sob a lógica das relações sociais marcadas pela exclusão. Por isso a forma de inserção no processo produtivo é bem diversa nos países subdesenvolvidos. Trata-se de uma relação subordinada, mas também é excludente no interior do capitalismo avançado.*

Assim, nas relações sociais do trabalho mediadas pelo capitalismo, a qualificação da força de trabalho constitui-se numa determinação social, ou seja, numa mercadoria especial através da qual se extrai mais-valia. E a formação profissional, quando norteada pelas regras do capital, contribui para a manutenção desse processo, pela exclusão e também pela alienação do trabalhador.

Estudos recentes de Acácia Kuenzer, comprovam que a nova relação entre a educação e as atividades laborais, no contexto da introdução de novas tecnologias nos processos produtivos, e de mudanças na organização social do trabalho, mantêm os trabalhadores nas mesmas condições de dependência do capital, e de quem é possuidor de um saber técnico incompleto, mal articulado, apesar de a indústria difundir um discurso baseado na tendência por uma demanda técnica mais complexa.

A respeito das novas *competências* que se passam a exigir dos trabalhadores, Kuenzer ( 2002, p. 80 ) aponta que:

*No âmbito da pedagogia toyotista, as capacidades mudam e são chamadas de **competências**. Ao invés de habilidades psicofísicas, fala-se em desenvolvimento de competências cognitivas complexas, mas sempre com o objetivo de atender às exigências do processo de valorização do capital. Nes-*

37

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

*te sentido, as ferramentas que buscam superar os obstáculos decorrentes da fragmentação do trabalho, em particular no que diz respeito a todas as formas de desperdício, tais como multitarefa ou o controle de qualidade feito pelo trabalhador, não têm como objetivo reconstruir a unidade rompida, mas evitar todas as formas de perda e assim ampliar as possibilidades de valorização do capital.*

Entretanto, Frigotto ( 1992, p. 21 ) aponta o saber politécnico, conhecimento que pressupõe o domínio da técnica num nível intelectual, como um dos caminhos para a superação das relações sociais de exclusão, e para o qual se exige uma total reestruturação *da formação básica nos cursos que profissionalizam, sem o que se inviabiliza a possibilidade da autonomia necessária à educação continuada e à qualificação de tipo novo (...).*

E o mesmo autor, ( Frigotto, 1992, p. 47 ) em texto intitulado **As mudanças tecnológicas e educação da classe trabalhadora: politecnia, polivalência ou qualificação profissional?**, afirma:

*(...) para aqueles que (...) se situam na perspectiva da superação das relações sociais de exclusão, a concepção de formação politécnica é, sem dúvida, uma compreensão que, no espaço contraditório, busca romper com a perspectiva do adestramento já nas condições vigentes.*

Levando-se em conta o contraditório contexto da globalização, que impõe novas demandas às propostas pedagógicas dos cursos de ensino profissionalizante, devem-se aprofundar as pesquisas que discutem o papel da formação denominada hoje por politécnica, na medida em que, historicamente, leva, como considera Frigotto, a um caminho para a superação da alienação do trabalhador. Neste sentido, a discussão deve buscar propostas de formação profissionalizante que não estejam comprometidas com as novas ( e com as tradicionais ) formas de acumulação de capital, mas preocupada com a melhoria na qualidade do ensino brasileiro.

## Bibliografia

- ANTUNES, RICARDO. *Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ENGUITA, MARIANO F. *Trabalho, Escola e Ideologia. Marx e a Crítica da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FRIGOTTO, GAUDÊNCIO (org. ). *Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- FURTADO, CELSO. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HARVEY, DAVID. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.
- KURZ, ROBERT. *O Colapso da Modernização*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *Capitalismo, Trabalho e Educação*. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.
- MACHADO, LÚCIA R. de SOUZA & FRIGOTTO, GAUDÊNCIO ( Org. ) *Trabalho e Educação*. Campinas, SP: Papyrus: Cedes; SP : Ande: Anped, 1992. Coletânea CBE
- MORAES NETO, BENEDITO R. de, *Marx, Taylor e Ford. As Forças Produtivas em discussão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SEVERINO, ANTONIO JOAQUIM. *Educação, História e Sujeito*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

39

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## ÁLVARO PAULO SÊGA

Francisco de Assis Ferraz de Mello (1)

1. Membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Conheci Álvaro Paulo Sêga na década de 1940. Nossa amizade se tornou íntima a partir de 1954, quando ingressei na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, para trabalhar como professor. Ele era desenhista da instituição.

Eu pertenci a um grupo de pesquisadores da área de nutrição mineral de plantas. Muitos resultados de nossas pesquisas foram ilustrados pelo artista em belíssimas aquarelas.

Em 1962 publicamos, na Suíça, um livro sobre nutrição de plantas, que continha as aquarelas mencionadas. Foi muito bem recebido nos meios acadêmicos. Em 1964 e 1967 apareceram as edições brasileiras, que tiveram idêntico sucesso. Dessa forma, as aquarelas e o nome do Sêga foram difundidos em universidades e institutos de pesquisa do Brasil e do Exterior, sobretudo das Américas e da Europa.

Após a aposentadoria do artista, em 1974, visitei-o muitas vezes em sua residência. Boas horas de conversa. Ainda o vejo em sua cadeira de couro trançado.

Sêga foi genial. Estudou música, tocou e construiu violinos. Fez interessantes miniaturas em madeira. Trabalhou com cobre. Foi escultor, tendo obtido o primeiro prêmio dessa modalidade, em 1965, no Salão de Belas Artes de Piracicaba.

Embora mais conhecido por suas pinturas a óleo, fez belos trabalhos a grafite, bico de pena, carvão, aguada e aquarela.

A década de 1930 foi-lhe fecunda na aquisição de conhecimentos artísticos. Estudou desenho e pintura com o

40

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11



Frei Paulo Maria de Sorocaba e com Antônio Pacheco Ferraz. Coursou também, por algum tempo, como aluno ouvinte, a Escola de Belas Artes de São Paulo. Era exigente em relação aos materiais que utilizava na pintura: preferia telas de linho e tintas estrangeiras de boa qualidade.

Sêga pertenceu à excelente escola de pintores realistas de Piracicaba, tendo se destacado como paisagista, embora exercitasse, também, outros gêneros, como interiores, natureza morta, retrato e nu artístico.

O seu desenho era ótimo, tanto o técnico como o artístico. Usava corretamente a perspectiva, o que pode ser observado à exaustão nas paisagens que pintou, sobretudo as realizadas em Ouro Preto, cidade mineira muito procurada por pintores piracicabanos por causa da topografia acidentada, que obrigava, com freqüência, a utilização de pontos de vista múltiplos.

Colorista de grandes predicados, trabalhava tão bem as cores baixas quanto as luminosas, tendo sido, neste caso, mestre nos amarelos e laranjas. Foi também eficiente nos contrastes claro-escuro.

Esse pintor humilde exibiu pouco a sua arte, não tendo sido intensa a sua participação em salões. Mas, por convite, foi o primeiro a expor no Salão de Artes Plásticas *Ermelinda Otoni de Souza Queiroz*, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, em 1984.

Pouco após sua morte, foi montada uma exposição de trabalhos seus na Casa de Artes Plásticas Miguel Arcajo B. Assumpção Dutra. O XXXIX Salão de Belas Artes de Piracicaba prestou-lhe merecida homenagem, expondo alguns de seus trabalhos.

Sêga se afastou muito cedo do convívio de seus amigos pintores perdendo o contato com a evolução do ambiente artístico piracicabano. Isolou-se. Nos últimos anos de sua vida, em plena valorização das obras de artes, vendia belos quadros por preços aviltantes.

Quando um estudioso se dispuser a escrever a história das artes plásticas em Piracicaba colocará Álvaro Paulo Sêga no lugar que lhe cabe, de destaque, por seus méritos.

Sêga foi um artista fecundo. Boa parte de seus trabalhos está espalhada nos livros e publicações de profes-

41

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

sores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. A maioria de seus quadros a óleo está em coleções particulares em Piracicaba. A *Esalq* possui vários deles.

Durante o período em que concorreu ao Salão de Belas Artes de Piracicaba foi distinguido com: Prêmio Aquisição (1963), 3º Prêmio (1967), 2º Prêmio (1968), Medalha de Prata (1977) e 1º Prêmio, em escultura (1965).

Por ocasião de sua aposentadoria, em 1974, após 36 anos de serviço, recebeu voto de louvor da Congregação da *Esalq* pelo valiosíssimo trabalho prestado.

Álvaro Paulo Sêga foi aluno de Oscar Pereira da Silva, em pintura, e de Batista Ferri, em escultura. Foi patrono da Cadeira ocupada por Cesarino Alvino Sêga, da Academia Piracicabana de Letras, e condecorado com a Medalha e Diploma do Bi-Centenário de Piracicaba, em 1969.

No Museu Luiz de Queiroz existe uma sala destinada a homenagear o artista e que contém vários de seus trabalhos, como pinturas, desenhos, esculturas, maquetes, miniaturas, trabalhos em cobre e violinos.

No meu entendimento, duas coisas foram muito prejudiciais ao artista: o temperamento forte, irascível às vezes, e o vício da bebida. O temperamento impediu-lhe o convívio sadio com colegas pintores. Entretanto, tinha afeição especial por Frei Paulo, antigo mestre a quem retratou, e por Antônio Pacheco Ferraz, seu padrinho de casamento. Por outros não se afeiçoava tanto, sendo Arquimedes Dutra, talvez, um quase desafeto.

Uma coisa deve ser mencionada: Sêga enviuvou relativamente moço, no auge da força do trabalho artístico. Nunca mais se casou. Dedicou-se à criação da filha, na época ainda menina, sem permitir a intervenção de ninguém. À sua moda.

Na velhice, uma catarata o incomodou muito. Chegou a operar um dos olhos. E, mais adiante, uma ou mais internações hospitalares por motivos de saúde e de bebida. A bebida, que o acompanhou por muitos anos, pôs-lhe fim à arte, encerrando uma carreira que poderia ter sido mais brilhante.

Faleceu em Piracicaba no dia 7 de julho de 1991.



## **Cidades Históricas do Vale do Paraíba**

João Luís Franchi<sup>1</sup>

### **Dedicatória**

A João Baptista, meu pai e amigo, saudade hoje e sempre.

### **Resumo**

O Vale do Paraíba paulista exibe uma variedade enorme de paisagens, refletindo sucessivos ciclos econômicos, com áreas de intensa atividade comercial e industrial, ou áreas de riquíssima história e cultura, reflexo da ocupação humana que se intensificou em 1636, com a fundação de Taubaté.

### **Palavras-chave**

Geografia regional; desenvolvimento e preservação; Vale do Paraíba e turismo regional.

O Vale do Paraíba ocupa a porção leste do Estado de São Paulo, sendo partilhado com os Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Localiza-se numa área de relevo terciário relativamente recente, entre as porções cristalinas conhecidas como Serra do Mar e Serra da Mantiqueira. O Rio Paraíba do Sul drena toda a região, nascendo junto à Serra da Bocaina e seguindo em direção às terras fluminenses.

Historicamente, é uma das áreas de ocupação humana mais antiga do Estado, tendo como centro irradiador a cidade de Taubaté, fundada em 1635. De Taubaté saíram bandeirantes com destino à região das minas, sendo que a bandeira comandada por Antonio Rodrigues Arzão

1. O autor é piracicabano e licenciado em Geografia pela Unesp/Rio Claro

43

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

atingiu a região aurífera de Ouro Preto em 1692 ( Salgado, 1978 ).

Uma sucessão de ciclos econômicos transformou a paisagem valeparaibana ao longo dos séculos, destacando-se inicialmente o ciclo da mineração - que, apesar de ter seu auge nas regiões auríferas de Minas Gerais, teve repercussão no Vale, como uma área de retaguarda de alimentos e entrepostos de tropeiros que faziam o transporte do valioso metal entre Minas e o litoral fluminense, particularmente Parati. Posteriormente, veio a cana-de-açúcar, e nas primeiras décadas do século XIX, chegou a cultura cafeeira, vinda de terras do Rio de Janeiro, e encontrando nas áreas de Mares de Morro então recoberta pela exuberante Mata Atlântica, o local propício para a sua expansão.

O ciclo cafeeiro do Vale do Paraíba compreendeu o período entre 1830 e 1890, e era baseado no trabalho escravo. Durante boa parte do II Império, a região era a mais rica do País, inclusive com moeda própria. Com a vinda do café para o chamado Oeste Paulista, a região chegou ao final do século XIX em decadência, com o esgotamento dos solos e erosão, o fim do trabalho escravo e a falência de muitos barões do café. Desta época áurea, restam as fazendas e o casario colonial, hoje explorados pelo turismo rural.

Segundo dados do SEADE ( 1985 ), entre os anos de 1850/1860, o Vale do Paraíba era responsável por 65% da produção paulista de café; em 1920, esse índice cai para pouco mais de 3%, mostrando a mudança do eixo cafeeiro, que havia se deslocado para o Oeste Paulista.

Após algumas décadas de decadência econômica, o Vale do Paraíba paulista ressurgiu novamente em meados do século XX, com a inauguração da Via Dutra, ligando as duas maiores metrópoles brasileiras. Paralelamente a isso, ocorreu o início de um novo ciclo, o da industrialização, seguido quase simultaneamente com o ciclo tecnológico, onde maciços investimentos estatais e internacionais transformaram o Vale numa das mais prósperas regiões industriais e de tecnologias de ponta do Brasil.

Os ramos aeronáutico, aeroespacial, de telecomunicações, eletrônico, automobilístico e de armamentos se fazem presentes no parque industrial e tecnológico regional.

Interessante fenômeno estudado pela ciência geográfica é a ocupação do Vale do Paraíba paulista. O fenômeno da industrialização e o surto tecnológico ocorreu exatamente no eixo rodoviário da Via Dutra, desenvolvendo cidades como São José dos Campos, Taubaté, Jacareí, Caçapava e Pindamonhangaba. As cidades ao norte deste eixo, sob o domínio da Serra da Mantiqueira, tem no turismo a sua principal fonte de renda, destacando-se as cidades de Campos do Jordão, Santo Antônio do Pinhal e São Bento do Sapucaí. Ao sul do eixo da Dutra, abrangendo a área dos chamados Mares de Morro, encontramos cidades históricas que não foram atingidas pelo surto tecnológico e industrial e que têm, em suas tradições, folclore e patrimônio histórico, a oportunidade de serem inseridas num modelo de desenvolvimento sustentável. São quatorze municípios, a saber: Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Silveiras, Queluz, Cunha, São Luís do Paraitinga, Lagoinha, Redenção da Serra, Natividade da Serra, Santa Branca, Paraibuna e Jambeiro.

São cidades de pequeno porte, de população rural ainda expressiva e que têm no turismo histórico, ecológico e rural, a possibilidade de saírem da estagnação em que entraram desde o fim do ciclo valeparaibano do café, pois não foram atingidas pela industrialização, que ocorreu no Vale do Paraíba após a segunda metade do século XX.

Na obra **Cidades Mortas**, de Monteiro Lobato, lemos: *a quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso... ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito... Transfiltrou-se ( o café ) para o Oeste, na avidéz de novos assaltos à virgindade da terra nova.* São relatos de uma região que teve sua fase áurea, e que, nas primeiras décadas deste século, vivia em pleno esquecimento.

Interessante fenômeno é que esta estagnação foi a responsável pela preservação de valioso patrimônio arquitetônico, testemunho do ciclo cafeeiro, fenômeno parecido ao que ocorreu em Parati, cidade fluminense que tem uma longa ligação histórica, econômica e cultural com esses municípios estudados.

Segundo Nicolletti ( 1997 ), as estratégias para o desenvolvimento do turismo devem seguir algumas regras básicas, além da interação dos municípios envolvidos:

45

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

I – avaliação do ramo turístico desejável: histórico, cultural, rural, ecológico, etc;

II – perfil adequado do turista: família, jovens, terceira idade, esportistas, esotéricos, estudantes, universitários, etc;

III – ecoturismo sustentável, com a preservação das áreas naturais, no caso, a Mata Atlântica;

IV – educação ambiental nas escolas de ensino fundamental e médio;

V – carta turística: facilitando a localização de pontos de interesse dirigidos aos visitantes, bem como emplacamento dos principais pontos;

VI – busca de parcerias com a iniciativa privada;

VII – divulgação e *marketing*;

VIII – acompanhamento e desenvolvimento direto com cada área envolvida: educação, saúde, transportes, infraestrutura básica;

IX – Fundo de Manejo ambiental: as áreas especiais e locais de interesse turístico são áreas onde os atributos naturais e culturais devem ser protegidos.

Nota-se, porém, a carência de investimentos estatais nessa área. As rodovias são mal sinalizadas, há falta de hospitais e faculdades. Apesar da devastação provocada pela cultura cafeeira, há ainda áreas notáveis de preservação da Mata Atlântica, como a imponente Serra da Bocaina, local de riquíssima biodiversidade.

Quando falamos no potencial turístico do Brasil, logo nos chegam imagens das lindas praias do Nordeste, do Pantanal, da Amazônia, das Cataratas do Iguaçu, do Rio de Janeiro, de Salvador. Esses são macro exemplos de turismo nacional, contudo, temos uma plêiade de lugares de interesse estadual e regional que poderiam ser melhor explorados.

Finalizando, ao olharmos para o Vale do Paraíba, precisamos prestigiar essas cidades que tiveram seu esplendor no século XIX, e que lutam para manter a tradição, possivelmente, precursora da cultura caipira que viria a atingir todo o interior do Estado de São Paulo.

46

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MONTEIRO LOBATO, José Bento. **Cidades Mortas**. Editora Brasiliense, 7ª edição, São Paulo, SP, 1956.

NICOLETTI, Fabiana Luna. **Reintegração das Cidades Mortas do Vale do Paraíba – Um Estudo Sobre a Cidade de Bananal**. Trabalho de formatura. IGCE/UNESP, Rio Claro, SP, 1997.

SALGADO, Plínio. **Como Nasceram as Cidades do Brasil**. Editora Voz do Oeste-MEC, 5ª edição, São Paulo, SP, 1978.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Região do Vale do Paraíba – Mudanças Demográficas Recentes de uma Área de Povoamento antigo**, São Paulo, SP, 1985.

47

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## **PIRACICABA NO ALVORE- CER DO SÉCULO XIX**

### **MEMÓRIAS DA RUA DO PORTO E DE UMA CHAMINÉ SOLITÁRIA**

Hugo Pedro Carradore<sup>1</sup>

1. Professor, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Membro Titular e Ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

#### **Resumo**

A Matéria procura mostrar o desenvolvimento de Piracicaba no último quartel do século XIX. Também, além da história da Rua do Porto, fala da origem das olarias, conta a história da Cerâmica do Porto e faz citação ao projeto Beira Rio.

#### **Palavras-chave**

Piracicaba, Desenvolvimento, Século XIX, Rua do Porto, Olarias, Projeto Beira Rio.

O rio é o cordão umbilical alimentador de Piracicaba.

Na capela, na margem direita do rio no dia 02 de agosto de 1784, após a missa rezada por Frei Tomé de Jesus, aconteceu a demarcação da nova povoação na margem esquerda do Piracicaba, no alto da colina.

Em 1816, os moradores da póvoa, através de uma petição, solicitaram ao Capitão-General D. Francisco de Assis Mascarenhas, o Conde de Palma, a elevação da freguesia à categoria de Vila, o que aconteceu em 10 de agosto de 1822, às portas da Proclamação da Independência, com o nome de Vila Nova da Constituição, em alusão à Constituição Portuguesa, então recém promulgada.

Paulatinamente, os moradores, que viviam da pesca, foram se concentrando à orla das águas, dando origem à Rua da Praia.

Uma porteira e uma cerca eram o limite da área pública, que dava entrada às terras do Tenente-Coronel Theobaldo da Fonseca e Souza, que não permitia o trânsito dos pescadores e outros pela margem do rio. Fato que re-

48

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11



sultou em verdadeira guerra entre a população, a Câmara e o Tenente-Coronel Theobaldo. A demanda só terminou três anos depois, em 1872, quando o Ouvidor da Câmara de Itu determinou a retirada definitiva da cerca e da porteira. Em meados do século XIX, inúmeros cidadãos passaram a solicitar da Câmara a posse de terrenos. Tais terrenos formariam, hoje, a Praça José Bonifácio e a Catedral.

A partir do último quartel do século XIX, Piracicaba sofreu um grande desenvolvimento urbano e industrial.

Em 1875, o Largo da Matriz, por meio de uma subscrição pública a cargo de João Baptista da Rocha Conceição, que alcançou a quantia de 3:651\$000 (três contos e seiscentos e cinqüenta e um mil réis), foi transformado em jardim (2). Em 23 de janeiro de 1876 são inaugurados os trabalhos de fiação e tecelagem da Fábrica Santa Francisca, fundada por Luiz Vicente de Souza Queiroz. Entra em pleno funcionamento o Engenho Central em 1882. A 02 de agosto de 1885, a Câmara abriu concorrência para os serviços de água encanada e iluminação elétrica. Em 1888, Piracicaba foi elevada à categoria de Comarca.

O Almanaque de Piracicaba para o ano de 1900, nos dá uma idéia do desenvolvimento da Noiva da Colina.

Piracicaba possuía 15 praças, 41 ruas emplacadas e nomeadas, 10 anônimas e diversas projetadas, numa extensão de 41 quilômetros.

O número de estabelecimentos industriais era 105, os comerciais e de prestação de serviços somavam 455. Possuía Escola Complementar (destinada à formação de professores), 02 Grupos Escolares, 03 Escolas Públicas, Curso Noturno do Estado, Escola Municipal, 08 Escolas Particulares, 06 Colégios (com ensino secundário ou especial), inclusive a Escola Agrônômica São João da Montanha (hoje Esalq).

A preocupação com a saúde dos piracicabanos estava com a Santa Casa de Misericórdia, cujo provedor era o Barão de Rezende, com 08 médicos e 05 dentistas (3).

Havia nesta cidade inúmeras sociedades filantrópicas e beneficentes, tais como: a Sociedade São Vicente de Paulo, Ordem Terceira de São Francisco, Associação Operária Leiga do Bem, Sociedade Portuguesa Beneficência, Sociedade Italiana de Socorros Mútuos, Grêmio

2. In História de Piracicaba em Quadrinhos, Leandro Guerrini, vol. 2. Ed. IHGP, 1970.

3. Dados coletados no Almanaque de Piracicaba para 1900.

49

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

4. A citação está no texto Piracicaba, que se encontra no Almanaque de Piracicaba para o ano de 1900, pág. 141, de autoria do Dr. Alfredo Moreira Pinto.

Hespanhol, Circolo Meridional XX de Setembro, Sociedade Auxiliada (metodista), Sociedade de Temperança (côngênere da Inglaterra e dos Estados Unidos). Também clubes e sociedades recreativas: Clube Piracicabano, Grêmio Dramático Beneficente (cultural), Sociedades Dançantes: do Canto, Juvenil, e Sociedade Dançante Bairro dos Alemães.

Colaborando com a cultura do povo: uma livraria, o Museu Ornitológico e a imprensa, que era constituída, no apagar do século, pela **Gazeta de Piracicaba**, com dezoito anos de vida. O Popular, fundado em agosto de 1899, a Aurora e o Brasileiro, órgão dos alunos da Escola Modelo.

Como se vê, o movimento financeiro do município era bastante grande. A cidade possuía duas casas bancárias, o Banco de Piracicaba e o Banco da Indústria e Comércio de Piracicaba.

Grande era a corrida aos cartórios em função dos negócios imobiliários. Não apenas em razão das vendas de terrenos e casas, também pelo movimento comercial, fruto das construções e reformas dos imóveis. Assim é que, desde 1897, a Câmara foi obrigada a alargar o estabelecimento do perímetro urbano. Por tais motivos, no despertar do século XX frutificaram as olarias.

A rua do Porto, no passado, exerceu um papel fundamental na vida de Piracicaba.

No correr da história, foi chamada de Rua dos Pescadores, Rua da Praia e Rua das Olarias; e do Porto, por ter sido a porta de entrada e saída dos vapores da Companhia de Navegação Fluvial, rebocando batelões carregados de café e transportando gente.

No início do século XX a Rua do Porto, também era nomeada Rua das Olarias, assim descrita:

*Nasce num pequeno largo de forma triangular, muito pedregoso, que fica em frente ao palacete do Dr. Buarque de Macedo, o qual é o último prédio da Rua Prudente de Moraes. Nesta rua apenas vão morrer sete outras, de modo que conta ela seis quarteirões regulares e o sétimo que se prolonga até a chácara do Enxofre. Existem oitenta e sete casas numeradas, todas à esquerda de quem desce e oito destas são de olarias (4)*

50

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

A festa do Divino Espírito Santo, introduzida por volta de 1765 (5), era realizada tão somente em terra. O Encontro das Bandeiras, introduzido no rio por Viegas Muniz, em 1826, levou para a Rua do Porto centenas de turistas, ao lado de uma multidão de piracicabanos.

A chaminé e o sobradinho, hoje Casa do Turismo, são a memória da **Cerâmica do Porto**, na margem esquerda do rio Piracicaba, foi de propriedade do Sr. Ruston. Além da residência em estilo neo-colonial, o conjunto era composto de galpões, forno de cozimento, casas de operários, cocheiras e inclusive um lago artificial.

Em 1961, com o óbito da proprietária, a viuva Yastin Chala Ruston, de origem Síria, que também possuía outras terras em Piracicaba, sem filhos, deixou como herdeiras duas sobrinhas: Daisy Maria Pinto, residente na cidade de Santos e Josephina Maria Russomano, moradora em Atibaia.

Já abandonada, a esplêndida Cerâmica do Porto, o tempo inexorável e a sanha popular em busca de material para construção deixaram para a memória o sobradinho e a chaminé. Em 25 de maio de 1973, o então prefeito Adilson Maluf assinou decreto nº 1552, desapropriando a área para urbanização. Na década de 1980 o sobradinho foi restaurado. Em 16 de julho de 1982, foi aberto o Processo de Tombamento da Avenida Beira Rio, do Largo dos Pescadores e da Rua do Porto. Tombamentos retificados pelos decretos nº 8649 de 08/10/1999, nº 9294 de 27/12/2000 e nº 10641 de 20/01/2004.

De posse da municipalidade, inicialmente o sobradinho foi ocupado como Museu do Esporte.

Na gestão do prefeito Humberto de Campos (de 1º de janeiro de 1997 a dezembro de 2000), através da Secretaria de Turismo, foi elaborado um projeto de ocupação da casa e da praça ao seu entorno, para transformar o local em um pólo receptivo, onde o turista encontraria informações, folhetagem, exposições e assistência aos artistas e artesões. Naquela gestão chegou-se a promover um curso para guias receptivos. Ao largo deu-se a denominação de Praça dos Artistas.

Com o projeto Beira Rio em execução, prevista para terminar a primeira etapa em dezembro de 2004, na mar-

5. A afirmação é de Alceu Maynard. Encontra-se no livro *Retrato das Tradições Piracicabanas*, de Hugo Pedro Carradore, 2ª edição pelo IHGP, de 1998.

51

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

gem esquerda do rio, numa extensão de 800 metros, da Ponte do Morato com as Avenidas Alidor Pecorari e Beira Rio, transformará a **CHAMINÉ SOLITÁRIA** num dos personagens enigmáticos, em um dos maiores pólos de atração turística do Estado de São Paulo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMANAK DE PIRACICABA, para o ano de 1900. Diretor Manuel de Camargo. Piracicaba, SP, 1899.
2. CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das Tradições Piracicabanas**, 2ª edição do IHGP, Piracicaba, SP, 1998.
3. \_\_\_\_\_. Rua do Porto, A Grande Batalha. Revista do IHGP, nº 10, pág. 75/80, Piracicaba, SP, 2003.
4. \_\_\_\_\_. **Síntese das Memórias, 1900-2002**. Edição Especial do IHGP, nº IX, Piracicaba, SP, 2002.
5. GUERRINI, Leandro. **História de Piracicaba em Quadrinhos**. Edição do IHGP, Editora Imprensa Oficial de Piracicaba, 1970.
6. NEME, Mário. **História da Fundação de Piracicaba**, Piracicaba, SP, 1943.
7. TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Piracicaba no Século XIX**. Edição do IHGP, Piracicaba, SP, 2003.
8. VEIGA, Jair Toledo. **Piracicaba no Século XIX**, Diário de Piracicaba, Edição de 01/08/1943.

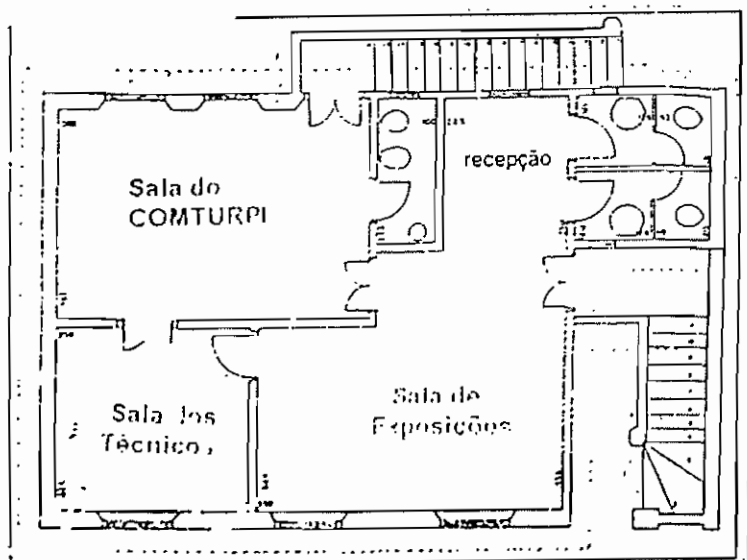
52

**IHGP**

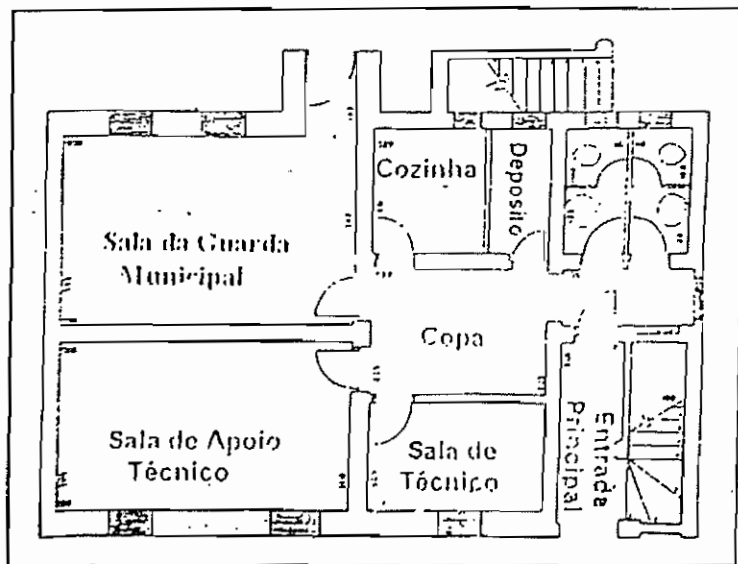
REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## Anexos

### Planta do sobradinho da Rua do Porto



### Planta do Pavimento Superior



### Planta do Pavimento Inferior

53

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

# **A IMPORTÂNCIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PIRACICABANO**

Maria Dalva de Souza Dezan<sup>1</sup>

1. Membro Titular do IHGP, especialização em Geografia Humana do Brasil IGCE – Unesp – Rio Claro.

**Resumo:** Através da história oral e de investigações em algumas obras, estudamos um grupo de japoneses e descendentes que imigraram para Piracicaba, São Paulo.

O modo de vida destes imigrantes, suas relações sociais, seus valores e principalmente suas contribuições no desenvolvimento piracicabano (em todos os aspectos), são considerados como fatores positivos de identificação cultural.

**Palavras-chave:** Espaço Geográfico, Imigração Japonesa, Desenvolvimento Agrícola.

## **1. O contexto histórico da imigração japonesa no município de Piracicaba-SP**

Curiosamente, Carlos Botelho, médico natural de Piracicaba e então Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1904-1908 foi quem outorgou permissão para a imigração japonesa no Brasil.

Em 18 de junho de 1908, desembarcaram os primeiros imigrantes japoneses no porto de Santos, trazidos pelo navio Kasato Maru. Neste cenário do início do século XX, é possível estabelecer relações entre a vinda dos imigrantes japoneses para esta região e a situação econômica e social enfrentada naquele momento, no espaço geográfico estudado, concomitantemente às profundas transformações em vários níveis pelas quais o Brasil passava.

Os vinte primeiros anos do século XX foram para Piracicaba o período mais explosivo do seu crescimento: a cidade que até 1900 possuía em média 25.374 habitantes,

**54**

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

em 1920 esse número já era de 67.732 habitantes. Isto foi consequência, principalmente, dos fluxos imigratórios para trabalhar nas lavouras de café. Muitos estrangeiros se estabeleceram no campo e na cidade, ativando o pequeno comércio e introduzindo novos costumes. Eram portugueses, espanhóis, italianos, sírio-libaneses e japoneses.

Os primeiros japoneses que oficialmente chegaram a Piracicaba, em 07 de setembro de 1918 foram escolhidos pelo médico fazendeiro Paulo de Moraes Barros após uma viagem ao Japão, em que observou a disciplina e capacidade de trabalho deste povo, e contratou 40 famílias para morar na fazenda Pau D'Alho, de sua propriedade, localizada próximo ao distrito de Ártemis, onde existia um porto fluvial "João Alfredo", junto à estação de trem Sorocabana, sendo este local o primeiro contato dos imigrantes no município de Piracicaba.

A imigração japonesa em Piracicaba teve três fases, segundo SILVA (1998:45).

A primeira fase define a chegada dos imigrantes diretamente do Japão para cá. Este período vai de 1918 a aproximadamente 1931. A fase seguinte pode ser caracterizada pela saída de muitas famílias para regiões onde havia colônias mais desenvolvidas, como a região Noroeste e Mogiana.

Uma terceira fase, e que pode ser considerada um resgate sólido da cultura e participação japonesa na cidade, acontece com a chegada dos chamados "forasteiros". Muitos desses vieram em busca de grandes empresas aqui estabelecidas e também ao encontro do alto nível de pesquisa desenvolvida na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) USP.

As dificuldades de adaptação foram muitas, principalmente com a língua e com o clima, mas quando terminaram os contratos, muitos puderam comprar terras e estabelecer-se, para enfrentar as dificuldades apresentadas. Com as necessidades de comercialização da produção e de financiamentos para a compra de matéria prima e implementos agrícolas deu-se a formação de sólidas cooperativas, principalmente no período anterior à Segunda Guerra Mundial.

Até a Segunda Guerra Mundial, por volta de 1941,

55

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

2. O Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba encontra-se localizado na Avenida do Café e traz, em seus arquivos, preciosidade da história dos imigrantes japoneses em nosso município.

chegaram ao Brasil pouco mais de 200 mil japoneses. Foi o país que mais recebeu esses imigrantes antes e depois da 2ª Guerra. Graças a essa receptividade, o Brasil mantém a maior comunidade japonesa fora do Japão. Os imigrantes japoneses continuaram vindo à Piracicaba até 1931 e acredita-se que, mesmo com as mudanças ocorridas, cerca de 400 famílias descendentes de japoneses vivem no município e a colônia continua expressiva.

## 2. Reforço da identidade cultural dos japoneses em Piracicaba e no Brasil

Partindo-se da premissa que o espaço geográfico implica, em primeira instância, em Tempo e Espaço, nossa preocupação esteve voltada para a própria evolução do processo migratório japonês, genericamente no Brasil e especificamente em Piracicaba.

Aos imigrantes, coube várias situações, entre as quais enfrentar um mundo totalmente novo. Novas atitudes, costumes diferentes, além do problema da compreensão de uma nova linguagem.

Na primeira metade do século XX os imigrantes japoneses de Piracicaba fundaram o Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro<sup>2</sup>, com intenção da formação de um local para encontros onde enfocassem a preservação da cultura, da língua e dos costumes, como também da formação educacional voltada para o aprendizado e manutenção da língua. Quanto a esse aspecto, não havia escolas para crianças, preocupando sobremaneira seus pais.

Oficialmente, o primeiro estabelecimento de ensino de língua japonesa criado e mantido por imigrantes japoneses no Brasil, foi instalado em julho de 1915, em São Paulo.

Sabemos que a transmissão cultural entre gerações de japoneses deu-se de forma linear, ou seja, de avô para pai e de pai para filho.

De acordo com Paul Thompson (1993), a transmissão cultural entre gerações é tão antiga quanto a humanidade. Disto compreende-se a intrínseca necessidade de transmissão da cultura entre gerações. Incluímos aqui a transmissão da memória familiar, porém não nos esqueçamos da moradia, da linguagem, da religião, do nome, do território e enfim de inúmeras habilidades pertencentes a

56

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11



esta etnia.

Aos nossos questionamentos, o presidente do Clube Cultural Nipo, Sr. Naoki Kawai, relata que, em Piracicaba, o bairro da Paulista onde está situada a sede do Clube é também um reduto de japoneses. Vale ressaltar que neste bairro, existem diversas ruas com nomes de imigrantes japoneses. Também a principal praça – e muito conhecida no município – traz o nome de uma das principais famílias de imigrantes: a Praça TAKAKI<sup>3</sup>.

Ao estabelecermos justamente a relação espaço-tempo e traçarmos uma análise geográfica do Japão atual, nos referimos aos acontecimentos ocorridos principalmente no período do pós-guerra, ou seja, a partir de 1945, quando termina oficialmente a Segunda Guerra Mundial.

Morais (2000) relata que, durante o período da Segunda Guerra, os imigrantes japoneses não possuíam liberdade para andar em ônibus público, tampouco podiam contrair contas bancárias. Só lhes era permitido viajar em transportes públicos mediante a apresentação de passaporte, expedido pelo governo brasileiro.

A série de medidas nacionalizadoras adotadas pelo Estado Novo na segunda metade da década de 30, exerceu crescente pressão psicológica sobre a vida do imigrante. Mesmo com todos esses entraves sociais, o imigrante japonês continuava extremamente comprometido com os objetivos aos quais se propunha.

Já houve escritores que teceram comparações entre dois típicos imigrantes que se deslocaram para o continente americano: os ingleses (que se dirigiram à América do Norte) e os japoneses que imigraram para o Brasil. Em ambas as imigrações, denotamos impressionantes realizações nos países de adoção.

Quando citamos os imigrantes japoneses, é necessário lembrarmos que, no contingente de imigrantes que o Brasil recebeu até 1952, a colônia japonesa destaca-se em quarto lugar.

### **3. A contribuição dos imigrantes japoneses para a agricultura brasileira**

Indubitavelmente, é na agricultura que se torna extremamente visível a contribuição dos imigrantes japoneses.

Os japoneses, com sua experiência milenar no cam-

3. A família TAKAKI, foi uma das pioneiras no município. O primeiro imigrante japonês dessa família foi Sigueki TAKAKI.

57

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

po de trabalho agrícola, adaptaram-se à cultura de café, que nesse período expandia-se assustadoramente pelo Estado de São Paulo.

Os que se dedicaram à agricultura, revelaram, como elementos visíveis, a tenacidade e o compromisso de crescerem (sócio-econômica e culturalmente) em terras brasileiras.

Vindos de terras com elevada densidade demográfica e escassez de terras agricultáveis, o imigrante japonês – com seu estilo inerente – buscou produzir o máximo possível em pequenos espaços geográficos.

Apesar de todas as agruras enfrentadas pelos imigrantes japoneses, eles mantinham sonhos de se tornarem independentes economicamente. Inseridos na peculiar honradez de seu povo, a colônia encontrou, nas lutas, forças para conseguir suas próprias terras.

Há relatos de que, três anos após a chegada do "Kasato Maru", já existiam imigrantes japoneses com capital suficiente para comprar terras.

Então, vencendo desafios de toda ordem, sobretudo aqueles que se relacionavam à língua (o que se traduz por reais dificuldades lingüísticas), os imigrantes japoneses procuraram organizar-se em colônias, a fim de preservar sua cultura e tradição.

No ano de 1934, segundo dados do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, estavam organizadas cinquenta e três cooperativas agrícolas, cujo modelo foi inserido na economia brasileira pelos imigrantes japoneses.

Um fato a ser destacado é o processo da urbanização brasileira. Com a ocorrência desse processo, muitos imigrantes passaram a morar nas cidades e a desenvolver atividades voltadas à indústria e ao comércio.

À medida em que ocorre a industrialização brasileira e o Estado de São Paulo adianta-se nesse processo, ocorrem influxos do comércio internacional, formas capitalistas de produção, intercâmbio, consumo, numa fluidez cada vez maior.

Milton Santos (1993), explica-nos que o termo industrialização não pode ser tomado, aqui, em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua ampla significação, ou seja, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mer-

cado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em diversas formas, o que vem a impulsionar a vida de relações e ativar o próprio processo de urbanização.

Com a urbanização brasileira, alguns imigrantes continuaram concentrando suas atividades na agricultura, caso, por exemplo, do cinturão verde de São Paulo, formado por municípios como Mogi das Cruzes e Cotia.

Os imigrantes japoneses possuíam a preocupação (à época dos anos 1960-1970) de introduzir novas culturas, permitindo maior variedade à demanda interna e, ao mesmo tempo, conquista do mercado externo. É fato que o aprimoramento das técnicas de cultivo, a seleção de novas frutas, verduras e cereais introduzidos pelos japoneses tem uma importância fundamental para a diversidade da agricultura brasileira.

Na indústria, a participação dos imigrantes japoneses não foi tão enfática como na agricultura.

### **Considerações finais**

As experiências do passado são de extrema importância, encontradas, principalmente, nos relatos de descendentes japoneses.

O trabalho da história oral vem sendo continuamente discutido e a cada dia mais aceito, tendo em vista o que Bosi (1987) salienta: "A memória não é sonho, é trabalho".

Nossa pesquisa torna-se pertinente, à medida que percebemos o fato deste tema "Imigração Japonesa em Piracicaba" ter sido, até o momento, pouco explorado. Além disso, num mundo globalizado, nossa trajetória de estudos se agregará a outros que caminham nas mesmas buscas.

Há uma profunda contribuição dos imigrantes japoneses no desenvolvimento agrícola, em se tratando tanto de Brasil como da região de Piracicaba. Contribuição esta, notoriamente conhecida, entre outras, na cultura do café, no Estado de São Paulo. Também houve, devido à implementação de novas tecnologias japonesas, aprimoramento de diversas culturas agrícolas, tais como: caqui, abacate, poncã, goiaba, maçã, morango, alface, batata, cenoura, pimentão, etc. No setor de hortifrutigranjeiros e no setor de prestação de serviços, os descendentes de japo-

59

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

neses em Piracicaba também se destacam, numa longa jornada percorrida e mantida no tempo e no espaço.

#### BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade; Lembranças de Velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil – Sociedade de Cultura Japonesa. **Uma epopéia moderna: 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 2ª ed. São Paulo, 1994 – Editora Hucitec.

SILVA, Paula da. **Brasileiros sem perder a origem**. Piracicaba: Degaspari Designers, 1998.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: História Oral**. Paz e Terra, 1992.

60

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

# **O CURURU: MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA CAIPIRA DA REGIÃO DE PIRACICABA E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO**

Dinah Castilho e Wenceslau Castilho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende, entre outros objetivos, analisar as formas pelas quais tem sobrevivido o Cururu, manifestação folclórica caipira de Piracicaba.

Piracicaba sempre se caracterizou por possuir um rico folclore. Do som da viola à cantoria religiosa exaltando o Sagrado no Cururu, entrelaçam-se histórias dos nossos antepassados e das nossas verdadeiras raízes.

Hoje, há uma grande força nos meios de comunicação voltada somente ao consumo. Compreendemos perfeitamente, neste ponto, que, apesar de grande parte da população piracicabana ter origens no campo (espaço com o qual o caipira sempre manteve estreita ligação), a mídia não tem se esforçado na preservação do folclore caipira.

Neste novo contexto global que se apresenta, Piracicaba esforça-se em manter viva esta cultura, preservando suas formas e peculiaridades.

Tentaremos, portanto, verificar quais aspectos perpassam por estes processos, destacando a manutenção das tradições, para que não se percam, no tempo e no espaço.

**Palavras-chave:** cururu, identidade cultural, globalização.

## **1. O Contexto histórico da cidade de Piracicaba e o cururu como representação social**

Pretendemos analisar as formas pelas quais tem sobrevivido o cururu e suas manifestações, como representação social e cultural da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, denominada, geralmente, como cultura caipira. Tor-

1. Dinah Castilho é Professora de Geografia e Wenceslau Castilho é autodidata e estudioso da música de raiz.

61

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

na-se necessário conhecermos o contexto histórico da cidade de Piracicaba, assim também o que vem a ser o cururu, tão presente entre a população piracicabana.

Atualmente, Piracicaba possui população de 328.312 habitantes, pelo censo de 2000. Entretanto, à época em que foi fundada, em 1767, constituía um pequeno povoado, à margem do SALTO, até se transformar no pólo industrial e turístico dos dias de hoje, onde longos anos se passaram, e se mesclaram várias faces componentes da dinâmica de seu desenvolvimento: a economia, a política e a sociedade, entre outras.

A História remete-nos aos tempos dos primeiros colonizadores europeus que aqui chegaram. Portanto, torna-se necessário fazer referências à passagem do século XVIII para o século XIX, onde ocorreu intenso desbravamento do interior paulista pelos habitantes.

Quanto ao topônimo Piracicaba, resolvemos recorrer à análise de Carradore (1998:01) onde explica que:

O topônimo é Tupi, o que tem favorecido inúmeras interpretações.

Entretanto, quanto ao rio que dá nome à cidade e ao qual se atribui toda uma mística, foi também uma das molas propulsoras de todo o seu desenvolvimento. Tendo como característica correr para o interior e não para o mar, este rio propiciou caminhos para o sertão. Estes caminhos foram percorridos por desbravadores com alimentos e armas.

Neptune (2002), em suas pesquisas, explica-nos que:

É uma história que começa com o povoamento da região localizada na Depressão periférica (zona geológica localizada após o Planalto Atlântico e no sentido do litoral para o interior de São Paulo) pelos índios do grupo lingüístico Tupi-Guarani, possivelmente os Paiguás, caçadores aventureiros que, segundo a força atrativa da água, acabaram por se deparar com o Salto do rio, batizando-o de Piracicaba.

Referindo-se à geografia da cidade, o poeta Basílio Machado, utilizou-se dela, para criar o codinome Noiva da Colina. Assim, para Carradore (1998:02):

Tal como a cidade de Roma, Piracicaba está entre as colinas.

Em Neptune (2002), encontramos:

Esse grande vale favoreceu a expansão dos primeiros colonizadores portugueses que chegaram à região, na passagem dos séculos XVII e XVIII. O terreno é praticamente plano, pontilhado com encostas suaves. *Noiva da Colina*, aliás, é uma das formas pelas quais a cidade de Piracicaba tornou-se conhecida. Em função de sua localização, os principais rios de São Paulo - o Tietê e o Piracicaba - acabaram se tornando principais eixos de trânsito do colonizador europeu.

Possuindo, nesta época, altas árvores procuradas por sua utilização, principalmente, na fabricação de canoas, Piracicaba despertou interesse e o ituano Antonio Correa Barbosa, é designado, em 1776, para organizar uma povoação nos sertões de Piracicaba, próximo ao rio Tietê. O capitão povoador faz opção pela margem direita do Salto, onde se encontravam os índios Paiaguás e alguns posseiros.

É inegável que a história de Piracicaba manteve-se, ao longo do tempo, atrelada à história do seu próprio rio, à qualidade e fertilidade de suas terras e essencialmente às origens de seu povo.

Portanto, torna-se imprescindível lembrar-nos da importância das culturas indígena, européia e negra. Neste aspecto, cabe ressaltar as fortes influências de vários imigrantes que aqui chegaram, ao observarmos as inúmeras comunidades espalhadas hoje pela cidade, deles descendentes.

Segundo Leme (2001b: 54):

Piracicaba acolheu muitos imigrantes a partir da segunda metade do século XIX, entre eles alemães, espanhóis, italianos, japoneses, libaneses, sírios, tíroleses e outras etnias.

Piracicaba, do ponto de vista econômico, sempre se destacou na produção canavieira, de onde surgiram os engenhos, substituídos posteriormente, pelas Usinas de Açúcar e Alcool. Contudo, não somente na produção de cana-

63

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

de-açúcar assentou-se a economia piracicabana: destacou-se, também, no cultivo de café. Sobre o assunto, Leme (op cit), salienta, inclusive, o trabalho de imigrantes italianos nas últimas décadas do século XIX, em plantações e colheitas de cana-de-açúcar. Na verdade, outras culturas eram produzidas, ao mesmo tempo em que a cidade destacava-se na produção pesqueira.

No início do século XX, Piracicaba despontava como grande força agrícola, não só em cana-de-açúcar, mas também segundo estatísticas de 1900, com a produção de café, que chegou a 5,5 milhões de arrobas (além das 650 mil arrobas de açúcar). Em 1910-1921, a área de plantio de milho abrangia 250 mil alqueires; a de arroz, outros 250 mil, a produção de feijão chegava a 40 mil arrobas, a de cebola, 30 mil arrobas; e a de batata, 5 mil arrobas. A produção de frutas - laranja, manga, abacaxi, uva e outras - chegou a 90 toneladas.

O grupo Dedini, tendo como seu precursor Mário Dedini, um imigrante italiano, que, nas primeiras décadas do século XX, coloca em prática a visão de vanguarda em questões de gerenciamento, inicia suas atividades, fortalece-as, cresce num ritmo considerável e, em razão de várias circunstâncias, torna-se um dos maiores grupos empresariais da região. A posteriori, o mesmo grupo implementa a construção de várias fábricas de acessórios para as Usinas de Açúcar e Álcool. Quanto à população, houve intenso deslocamento de pessoas da área rural para a urbana, estimulada pela instalação de novas fábricas.

No ano de 1970, a atividade industrial teve um componente a mais em seu desenvolvimento, devido à implantação de um diversificado parque industrial e, conseqüentemente, com os investimentos estrangeiros em modernas indústrias, como é o caso da Caterpillar do Brasil S.A., instalada concomitantemente a várias outras, e em funcionamento até o momento.

Hoje, indubitavelmente, Piracicaba configura-se como o grande pólo canavieiro paulista. Destaca-se também como grande centro industrial, com relevantes Universidades e todos os processos culturais existentes em seu entorno.



## 2. Cururu e globalização

Como anteriormente citamos, o homem dessa região possui estreita ligação com o rio, com a forma como hoje se apresenta e sua influência sobre os que aqui vivem e até mesmo com os que por aqui passam. Desta forma, torna-se possível visualizar que, a partir da miscelânea de várias etnias forjou-se o homem piracicabano ou *caipiracicabano*, como muitas vezes a ele aludimos.

Como fizemos referências aos aspectos históricos e geográfico da cidade de Piracicaba, torna-se necessário mencionar as manifestações do Cururu em Piracicaba. Sabe-se que o cururu é uma tradição que vem do tempo dos bandeirantes. Trazido por estes, com raízes portuguesas, conseguiu manter-se vivo pelo Médio Tietê, que, ao contrário de outros rios, não avança em direção ao mar, mas para o interior do Estado de São Paulo.

O grande mestre Luís da Câmara Cascudo, que tão bem soube interpretar a alma do *caipira* assim define o Cururu, em uma das suas inúmeras obras:

1) Dança de caráter religioso, provavelmente de origem ameríndia. Introduzida nas festas cristãs pelos missionários jesuítas, que na catequese, se valiam da dança para transmitir conhecimentos. É uma das mais antigas danças rurais, conhecida em Goiás, Mato Grosso e São Paulo, de características locais, geralmente com sapateado e palmeado, ao som da viola, pandeiro, reco-reco. O cururu tem uma parte introdutória denominada licença ou louvação, cantada em homenagem aos santos e aos donos da casa, quando a apresentação é feita em uma residência. A seqüência é: licença, evolução, círculos com coreografia variada, desafio, declamação e genuflexão em direção ao altar, onde estão as imagens de Santo Antonio, São João e São Benedito (Maria Amália Correa Giffonni). 2) Desafio entre repentistas, cururu urbano. 3) Sapo em idioma nheengatu (Cascudo, 2001:173-174).

O cururu é um desafio cantado. Entretanto, não nasceu como desafio. Durante muitos anos, sua música serviu para a louvação dos santos, especialmente São João e o Divino Espírito Santo. O próprio nome cururu implica em controvérsias: o cururu é um tipo de sapo. Porém, dois aspectos, entre outros, importantes do cururu, são: a espontaneidade e a poesia.

65

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

A fim de elaborar as diferenciações entre cururu urbano e cururu rural, Carradore (1978) discorre explicando que ao primeiro cabem as novas programações transmitidas pelo rádio e cita pioneiros como Cornélio Pires e a Turma. Menciona o auge do cururu, ente as décadas de 1940 a 1960.

Quanto ao segundo, reporta-se aos Pousos do Divino e principalmente, às quermesses das capelas, após as rezas dos *Santos de Junho*. (Carradore, 1978:50-51)

O autor mencionado iniciou seus estudos sobre o cururu em meados da década de 1940, quando lhe chamou a atenção a criatividade dos repentistas que se reuniam no Teatro Santo Estevão. A partir deste fato, tornou-se um grande estudioso e divulgador desta manifestação caipira e um folclorista nacionalmente conhecido.

O cururu já foi dançado e o deixou de ser com o tempo. O certo é que a tradição dessa cantoria permanece viva na região do Médio Tietê, que abrange cidades como Piracicaba, Conchas, Anhembi, Botucatu e Laranjal Paulista, entre outras.

O caráter dos nossos estudos envolve o município de Piracicaba, com seu dialeto específico, seus personagens, rostos, histórias e formas de cantar.

Em outras palavras, focamos a relação do cururu, uma tradição que vem dos bandeirantes, com a identidade cultural das pessoas que cantam, ouvem, gostam, enfim, com as pessoas inseridas na cidade de Piracicaba. Entretanto, a palavra "tradição" aqui empregada, deve ser entendida como algo que foi modificada no decorrer dos anos, dos séculos, e conseqüentemente, entre as gerações que praticam o cururu na cidade de Piracicaba, São Paulo.

O cururu é considerado na cidade de Piracicaba como uma 'manifestação folclórica caipira', e sempre lembrando que fora trazido pelos bandeirantes, com raízes portuguesas. Portanto, a nossa primeira indagação é: como uma manifestação tão antiga pode estar viva e presente numa cidade como Piracicaba, que por sua vez é considerada uma cidade relativamente grande e moderna? Supõe-se que com o tempo pudesse ter desaparecido, mas não foi isto que aconteceu, e, além disso, conseguiu viver na Era da Globalização.

No momento em que no mundo há fortes tendências a modismos em diversos aspectos da sociedade, notamos também o surgimento de resistência à privação de direitos econômicos, culturais e/ou políticos (...) (Ronsini, 2003:37).

No caso específico do cururu, o que observamos é que esse grupo ainda se mantém, ressaltando todas as dificuldades por ele encontradas.

Evidentemente, a perda de antigos cururueiros, entre eles: Parafuso, Barbosinha, Lazineho Marques, Nhô Serra, Pedro Chiquito, entre outros (que com maestria defenderam durante décadas esta modalidade folclórica caipira), juntamente à falta de novos elementos e infra-estrutura, contribuem para o lento crescimento do cururu.

Entretanto, paralelamente a este fato, observamos novos personagens inseridos no universo do cururu. Alguns nomes da nova geração vêm trabalhando e difundindo esta manifestação folclórica caipira, na tentativa de que não se perca no tempo e no espaço.

Circunscrevendo-nos ao exame dos cururueiros piracicabanos, temos nomes como os de João Mazzero, Gaiola, Carlão do Pau D'Alho, Liquinha, Dado, Baby, Birau (perfazendo a nova geração de cururueiros) juntando-se a nomes conhecidos há mais tempo, como, Horácio Neto, Abel Bueno, Moacir Siqueira, Machado, entre outros (que se destacam como cururueiros da antiga geração).

Então, concomitante aos aspectos negativos da globalização, Santos (2000) esclarece que a cultura popular vem tentando emergir, lutando contra a cultura de massas.

### 3. Os espaços do cururu em Piracicaba

O mundo, nossas vidas, vem sendo modificado por tendências paradoxais de um mundo globalizado. Neste contexto, parece-nos que tudo o que diz respeito ao antigo esteja com os dias contados. Globalizaram-se as atividades econômicas; presentes na mídia estão várias estratégias, inclusive a idéia de que, para que algo seja aceito, é necessário que passe primeiramente pelo que hoje se considera eficiente, racional e tecnológico. E que, além do mais, seja comercial.

Num mundo de tantas inovações, impostas por elites dominantes, preservar a cultura caipira, no caso o cururu, parece-nos contraditório. E realmente, o é. No entanto, ape-

67

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

sar dessa globalização permear quase todos os níveis da nossa sociedade, ainda denotamos, em Piracicaba, algumas manifestações folclóricas caipiras, incluindo-se aqui além do cururu a moda de viola e a catira (ou cateretê).

Dentre os programas de rádio, destacamos *Repen-tes e Violas*, transmitido pela rádio Nova Alvorada - AM, na voz do conhecido cururueiro Abel Bueno. Sendo uma das figuras que mais tem trabalhado na preservação do folclore em nosso município e pertencendo à antiga geração de cururueiros, Bueno tem-se articulado para trazer cururueiros de outras regiões, que juntamente aos nossos, fazem a festa, no programa que é transmitido ao vivo, das 12h00 às 14h00, ao lado do Casarão da Rua do Porto.

João Mazzero, 54 anos e há onze anos cantador de cururu, faz a seguinte análise do cururu com sua representatividade cultural no município de Piracicaba:

[...] Eu penso que o cururu tem de levar mensa-  
gem e se possível, abordar um assunto do dia.

Uma das características mais marcantes do cururu é justamente o desafio, onde cada cantador busca dar continuidade à carreira iniciada pelo primeiro cantador.

Mas os depoimentos também apontam para algumas questões curiosas, como as sensações e observações que envolviam o depoente quanto ao cenário doméstico que permearam sua infância e os primeiros contatos com o cururu.

Outros espaços que sabemos incluírem esta manifestação folclórica caipira são alguns Centros Comunitários de bairros periféricos do nosso município, tendo como exemplos o Centro Comunitário do Jardim Primavera e bares antigos, como o do Italiano, localizado no mesmo bairro.

#### Algumas conclusões

O conceito de tradição amplamente utilizado pelos cururueiros nos leva a concluir que o cururu possui hoje sua importância no contexto cultural do município de Piracicaba.

Toda manifestação cultural, no caso o cururu, está incluída num contexto social, econômico, geográfico e político, interligada por meio de vida em comum, por linguagens afins, por uma realidade social e cultural que expressam o mundo caipira em seu histórico de sobrevivência.

A partir de tais reflexões, é perceptível que existem sérias dificuldades enfrentadas pelos cururueiros, como exemplos, uma maior divulgação pela mídia (imprensa, rádio, televisão). Eles ressaltam que falta infra-estrutura - destinada ao Folclore de maneira geral, principalmente no que se refere à que poderia originar-se do Poder Público, representado por suas Secretarias.

Há ainda um forte temor de que o cururu venha a desaparecer, caso as novas gerações não vejam nesta modalidade folclórica caipira, uma forma singular de expressar a cultura caipira e, ao mesmo tempo, resistir à uniformização das culturas, imposta pela globalização.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das Tradições Piracicabanas (História e Folclore)**. 2ª ed. - Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, 10ª edição. São Paulo: Global, 2001.

LEME, Maria Luísa de Almeida. **Educação, Cultura e Linguagem: A comunidade Tirolo-Trentina da Cidade de Piracicaba-SP**. Tese de Doutorado em Educação. UNICAMP. Campinas, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Dio, Che brut estudá ... Um Estudo Lingüístico da Comunidade Tirolo-Trentina da Cidade de Piracicaba-SP**. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp e Centro de Memória da Unicamp. 2001b.

NEPTUNE, Christian Nordahl. **Elias Rocha ... em Transformação**. Piracicaba: Elias dos bonecos e o rio Piracicaba.

<http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/elias/index.htm> (21 nov. 2002)

RONSINI, Veneza V. Mayora. **A Etnografia Crítica da Recepção: Miniaturistas em Campo**. in *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo-SP. UMESP. Ano 24, nº 39.

SANTOS, Milton. **Por Uma Nova Globalização**. Rio de Janeiro. Record, 2000.

69

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

## O ENSINO DA GEOGRAFIA CONTRIBUINDO PARA A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Renata Chiarini Alves Bueno<sup>1</sup>

1. Especialista em Educação Ambiental e Ecoturismo e Professora da Rede Pública de Ensino.

*“É preciso coibir o inominável abuso. Mas a proibição não basta, por mais violentas que elas sejam. É preciso também educar o povo, preparando”.*  
Thales de Andrade.

Tuan (1980) nos provoca em seus ensinamentos que *muita coisa é aprendida, mas não através da instrução formal*. As novas práticas no ensino da Geografia possibilitam desenvolvimento transdisciplinar, entrelaçando diversos conceitos como a Literatura, a Arte, etc. A Geografia que acreditamos ser a mais relevante em nossos tempos é aquela que insere o estudante, considerando-o como parte integrante do conhecimento e da cultura que está sendo construída ao longo da história do homem. Deve haver, por parte do professor, instinto de diversificar assuntos que tenham certo valor de pesquisa. Lacoste (1986) nos faz lembrar que o ensino da Geografia e da História nos dá uma considerável responsabilidade: a formação dos futuros cidadãos.

A Geografia se faz na prática. Neste sentido, não se torna necessário considerá-la como Ciência que nos ensina as práticas do cotidiano? Quanto mais consciência tiverem os cidadãos ao apreenderem a Geografia, mais fácil será a existência de formas autônomas e pessoais de comportamento. Não queremos nos reportar apenas sobre guerras, que infelizmente ocorrem... Hoje, na França, supomos que também na Espanha e em diversos outros lugares, existem projetos de melhoria de bairros e mesmo dos municípios, que se expressam através de mapas, assim como por livros, os quais devemos saber ler.

70

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

Para Doim (2001) os mapas, para os estudantes, são representações de seu modo de pensar o espaço, as quais persistem mesmo que, na escola, as crianças tenham entrado em contato com conteúdos relativos aos mapas de adultos. Os mapas são produzidos a partir de uma malha de coordenadas que resultam de uma proporção expressa na escala, geralmente, de forma linear. O aluno não tem domínio do todo espacial e usa pontos de referências elementares para a localização e a orientação. O professor deve agir de forma gradativa, levando em consideração a realidade do local em que está inserido, partindo de percepções macros para depois poder ir provocando em seus estudantes as minúcias cotidianas, podendo realizar diversas atividades que o levem a vivenciar técnicas de representação espaciais.

A população deve tomar contato e conhecer os projetos de seus políticos..., de seus locais de moradia. Pois bem: se quisermos expressar qual é a função da Geografia, nós a definimos como o *saber pensar o espaço*. (Lacoste: op cit). E saber pensar o espaço, ou ter um raciocínio geográfico, não é sonhar com as estrelas e sim pensar o espaço com visão política, saber pensar o espaço com vistas a nele atuar mais eficazmente. O espaço terrestre, convém enfatizar, é importante e complexo. Por ele devemos abandonar a noção de espaço abstrato, totalmente normal nas Matemáticas. É muito difícil estabelecer grandes teorias sobre o espaço geográfico, porém ele existe. Nele atuamos como pessoas. Tuan (1998) novamente nos lembra quanto o estudo das relações humanas e o ambiente favorecem o crescimento do ser em sua totalidade, do ponto de vista em que coloca a ética e a cidadania refletidas em nossas idéias coletiva e pessoal, salientando o quanto viver intensamente a vida se torna especial no processo de construção e unificação da cultura, que faz parte de um mundo que transcende as Ciências Humanas. O ensino da Geografia em seu processo de interdisciplinaridade adquire grandes proporções no poder de crítica e nos remete a vivenciar o nosso entorno de uma maneira mais reflexiva, observando pontos de extrema importância para que haja maior sensibilização do indivíduo que faz parte da diversidade cultural que o cerca. O estudo da percepção ambiental em Geografia nos

71

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

possibilita compreensão das inter-relações entre o homem e o ambiente na busca da equidade social. Oliveira (2004) justifica que:

Há uma crescente falta de ajuste entre a população, seu ambiente, as atividades econômicas predominantes e o estágio de desenvolvimento atual da sociedade.

A questão do estudo da percepção se faz relevante por haver possibilidade de alteração benéfica do ambiente deteriorado. Porém, há negligência por parte dos cidadãos em sua maioria, mais uma vez pela falta de sensibilização e ação-reflexão-ação para tornar nosso viver mais digno, justo e agradável, promovendo melhor qualidade de vida. A perspectiva ambiental oferece instrumentos de ajuda para que o professor auxilie o estudante a compreender problemas que afetam a sua vida, a de sua comunidade e assim por diante. Diversas questões políticas, sociais e econômicas estão diretamente ligadas à questão ambiental e, a partir de uma visão crítica, poder-se-á criar uma potencialização de ação para buscar novas soluções.

Freire (1996) nos remete a uma importante reflexão crítica sobre a nossa atuação em sala de aula e demais práticas cotidianas, assumindo o movimento dinâmico entre o fazer pensar sobre o saber. A curiosidade de inovar deveria ser característica latente do docente como, por exemplo, a formação permanente para que não haja distanciamento do discurso teórico para o cotidiano, que pela prévia investigação do professor sobre o entorno dos seus estudantes, promova a busca do reconhecimento da riqueza cultural que adquirimos ao experimentar novas formas de enxergar o mundo que nos cerca. É preciso caminhar junto às novas práticas que nos auxiliam a enxergar as necessidades de um público discente envolto em uma sociedade ainda elitista e de certa forma, com falta de coragem para desprender-se de todos os impasses ditadores enraizados na nossa cultura ancestral. Romper barreiras, acreditar e inovar seria recriar com certa liberdade uma nova escola, democrática e voltada para provocar articulações sem negligenciar a nossa realidade. É preciso respeitar a leitura da realidade do educando para que haja um aperfei-

72

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11



çoamento humilde por parte do educador que, de forma científica, permite evidenciar a importância da inteligência do mundo que vem culturalmente se constituindo. A formação essencial do todo se faz presente nos diversos desafios da nossa prática docente, ajudando o estudante a reconhecer sua produção do conhecimento que lhe é proporcionado ao longo da sua vida. Educar por esta vertente, seria então vivenciar o agora com criticismo para um futuro ativo na sociedade, buscando novos valores e justificando sua existência para um mundo mais digno e sem preconceitos estabelecidos do que não conhecemos. O diálogo com a realidade nos faz com certeza agir, refletir e voltar a agir com mais certeza da nossa prática educativa dos novos saberes. Com a visão dos estudantes como produtores culturais, e não como consumidores, que releva a necessidade da auto-reflexão como novas linhas de ações da realidade social, a escola deve facilitar os meios de todo tipo que possibilitem a transição de um pensamento simples para outro complexo: é a diversificação de novos saberes integrando o processo de cidadania. Também há necessidade de o professor integrado, afetivo, que por ser especial em sua busca, exerça influência nos seus estudantes, tornando-os mais críticos com suas condutas diárias.

A inserção dos estudos em Educação Ambiental tem a finalidade de auto-ajustar-se às realidades sociais de cada sociedade e sua região, bem como seu objetivo é proporcionar compreensão da natureza como parte fundamental da sua própria vida. A percepção do meio ambiente deve favorecer a participação integral e desenvolver o sentido de responsabilidade que garanta a conservação e a melhoria da qualidade de vida do ser humano como nos lembra Tuan (1980), explicando que são diversas as maneiras que as pessoas percebem e avaliam a superfície da Terra, lembrando que cada indivíduo vê a realidade do seu ponto de vista, e, de certa maneira, estamos limitados a compartilhar da mesma forma de pensar sobre o todo. O professor intrinsecamente já deve ter em mãos instrumentos que facilitem a percepção e a reflexão em diversos momentos do seu contato com os estudantes. A escola, propiciando diferentes procedimentos pedagógicos que permitam discussões sobre as soluções dos problemas ambientais, acaba integran-

73

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

2. "Saber de Cor" é saber com base ou fundamento na memória; é o saber 'do coração' e aqui coração humano, considerado como a sede dos sentimentos, das emoções, da consciência. In CHASSOT, Áttico (2002: 39). I Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental - II Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental (SIGEA) - XIV Semana do Alto Uruguai do Meio Ambiente (SAUMA).

74

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

do um enfoque transdisciplinar na prática educativa que garanta ao aluno uma gradativa especialização, inclusive a assimilação da sua cultura, do seu *nicho social*. Chassot (1992) discute a educação da década de 1980 como sendo uma prática centrada exclusivamente na necessidade de os estudantes adquirirem conhecimentos científicos, apregoando a valorização do quanto alguém tinha conhecimentos chamados *enciclopédicos*. Na base do saber de cor<sup>2</sup>, o aluno, provavelmente, ao longo dos anos, se desestimulou e decretou a inutilidade do ensino. Hoje, sem descartar o desenvolvimento da informática e seus pressupostos, voltamos a afirmar que estamos na era da informação, essa mesma era que não suporta mais o professor detentor do poder, mas sim o professor facilitador e formador do saber, aquele que vai, por sua vez, ensinar aquilo que é desejável que o aluno aprenda, que desperte o interesse dos estudantes e os faça redescobrir o sabor do saber aprendendo a partir da sua própria realidade, do sentido da vida e da sua própria existência.

Há muitas explicações da necessidade do uso das práticas que a Educação Ambiental promove. Desde a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano (Estocolmo, 1972) onde se reconheceu a educação ambiental como elemento crítico para combater a crise ambiental no mundo, outros eventos foram complementando idéias, práticas e metodologias. Tibilisi, na Geórgia, em 1977, foi promovida pela PNUMA/ UNESCO e apresentou um documento que buscou delinear princípios, objetivos e metodologias para a Educação Ambiental. A RIO 92, no Rio de Janeiro, destacou-se pela agenda 21 e um Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis de responsabilidade global e reconheceu que a educação deve ser um processo dinâmico em permanente construção. A Conferência de Thessaloniki, na Grécia, em 1997, discutiu os rumos da educação ambiental em todo o mundo.

A Lei de Diretrizes e Bases determina que a Educação Ambiental seja considerada diretriz para os conteúdos curriculares da educação fundamental. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Ambiental é considerada como tema transversal de acordo com o MEC.

O comprometimento deste estudo é unir forças atuando na construção de um mundo ambientalmente susten-

tável, entendido como socialmente justo e com relações harmônicas entre a sociedade e a natureza. Ampliar e reconceituar a atuação do professor na escola é fundamental, segundo Sorrentino (2002), numa de suas falas aos seus orientandos:

... A nossa tarefa e a de toda educação é entender o mundo atual, o mundo no qual vivemos e no qual fazemos nossas opções... Estimulando o indivíduo a esclarecer suas próprias convicções fundamentais de forma a conseguir interpretar o mundo e não ter dúvidas quanto ao sentido e a finalidade da própria vida.

Sendo a escola um espaço de formação e informação, podemos desencadear a partir da análise sobre a real situação de aprendizagem, o fato de os estudantes considerarem relevante que ocorram mudanças nas formas dos docentes desenvolverem seus trabalhos e que elas se tornem mais flexíveis, dentro de um padrão metodológico que mobilize interesses, ative a participação, desafie o pensamento, instale acertos, valorize avanços e melhore a autoestima dos alunos. Dessa maneira, o docente será bem sucedido, obtendo mais eficiência no processo de ensino-aprendizagem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Thales de. **Uma História Verdadeira**. Piracicaba: Degaspari, 2004.
- ALMEIDA, Rosângela Dom. **Do Desenho ao Mapa**. São Paulo: Contexto, 2001.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases Nacionais**. Ministério da Educação, Secretaria da educação. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª séries**. Introdução. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª séries**. Geografia. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

75

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano XI - 2004  
Número 11

BRASIL. Secretaria de Educação de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª séries**. Temas Transversais. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CHASSOT, Ático. **Desafios curriculares para que um outro mundo seja possível**. Anais do I Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental, II Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, XIV Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente. Erechim/ RS: 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARAES, Mauro. **Educação Ambiental**. Duque de Caxias: Unigranrio editora, 2000.

LACOSTE, Yves de. **La enseflanza de la geografia**. Curso proferido dias 22 e 23 de março de 1985 na Universidade de Salamanca, Espanha, editado em 1986 pelo grupo CRONOS.

OLIVEIRA, Fabiana Luz de. **A Percepção Climática no Município de Campinas**. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SÃO PAULO (Estado). **Secretaria do Meio Ambiente. Educação Ambiental e Desenvolvimento: Documentos Oficiais**. São Paulo, 1994.

SORRENTINO, Marcos. **Portas, chaves e restaurantes**. Anais do I Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental, II Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, XIV Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente. Erechim / RS: 2002.

YI - FU, Tuan. **Topofilia**. São Paulo, Difel, 1980.